

JULIANA COSTA MOREIRA

***O VOCATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO NOS
SÉCULOS XIX E XX: UM ESTUDO DE MUDANÇA
LINGÜÍSTICA***

Belo Horizonte
Faculdade de Letras - UFMG
2008

JULIANA COSTA MOREIRA

***O VOCATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO NOS
SÉCULOS XIX E XX: UM ESTUDO DE MUDANÇA
LINGÜÍSTICA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Orientador: Professor Dr. Lorenzo Teixeira Vitral

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2008

*À quem sempre acreditou em
mim e nas possibilidades: mamãe.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Ao professor Doutor Lorenzo Vitral, pela paciência e acompanhamento, que possibilitou a conclusão desta dissertação.

Às professoras Doutora Jânia Ramos e Doutora Maria Aparecida Torres Morais, por terem aceitado fazer parte da banca examinadora.

À UFMG e ao Programa de Pós-graduação em Lingüística (PosLin), pela oportunidade de realização do curso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), que financiou parcialmente este trabalho.

Aos professores Doutora Jânia Ramos e Doutor Fábio Bonfim, pela colaboração na obtenção de bibliografia. Ainda à professora Doutora Jânia, com quem discuti pontos diversos deste trabalho, pelas sugestões valiosas que contribuíram para o enriquecimento deste.

À professora Doutora Mônica Alkmim, por despertar em mim o gosto pelos estudos lingüísticos e por ter orientado os meus primeiros passos como aprendiz de pesquisadora.

Aos amigos, que de forma especial, contribuíram para a realização deste trabalho. À Elizete e à Lílian pelas discussões e sugestões. Ainda, à Elizete pela leitura atenciosa do texto em processo e, à Lílian, pela ajuda com o programa Goldvarb 2001. Agradeço, ainda, de maneira não menos especial, aos colegas da FALE: Carolina, Ceriz, Marisa, Ricardo, Iara e Elaine; pela presença marcante nos últimos tempos. E também aos colegas do CEFET: Elisângela, Melina, Joana, Aline, Bruno, Viviane, Giani, dentre outros; pela amizade e troca de experiências.

Ao Ronan, por se fazer sempre presente ao meu lado e pelo encorajamento nos momentos difíceis.

À Magali, à Monique e à Lílian pela companhia durante estes dois anos e por tudo que fizemos juntas.

Aos amigos do café filosófico: Leandro, Oriane, Magali, Lílian, Iara e Marccone pelas horas agradáveis de conversas intermináveis que tivemos.

À Magali, ao Antônio Otávio, à Monique, ao Daniel e ao Ronan, pelos passeios que tornaram as coisas mais fáceis.

À mamãe, pelo incentivo constante. Aos meus irmãos, Camila e Saulo, por se mostrarem torcedores incondicionais. Aos meus familiares, especialmente ao vovô Adonias e à vovó Elza, que compreenderam a minha ausência durante a realização deste trabalho.

Enfim, a todos que contribuíram para que esta dissertação fosse possível.

RESUMO

O presente trabalho tem por fim investigar o *vocativo* em construções do Português do Brasil (PB) dos séculos XIX e XX. Busca-se, descrever, justificar e analisar as condições sob as quais este sintagma se realiza nas sentenças, utilizando um quadro teórico que concilia noções da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1982, 1994)) e noções da versão de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa (Tarallo & Kato (1989), Kroch (1989), Ramos (1992), Chomsky, (1995, 2005)).

Uma vez que é notável a escassez de estudos sobre o *vocativo*, o objetivo geral desta dissertação é ampliar o conhecimento já existente sobre este tema. Nossa hipótese é que se trata de um processo de mudança no Português Brasileiro envolvendo as posições de colocação do *vocativo* na oração, a saber, [Voc + Or], [Or + Voc] e [Or + Voc + Or]. Nosso objeto de estudo é, portanto, o comportamento sintático desse sintagma na sentença.

O *corpus* utilizado é constituído por diálogos de peças teatrais escritas por autores brasileiros nos séculos XIX e XX. A escolha desses diálogos se deve ao fato de representarem a fala das personagens.

Constatamos um processo de mudança envolvendo as diferentes posições de colocação do *vocativo* na oração. Foi verificado que a ordem [Or + Voc] apresenta perfil ascendente, com maior índice de ocorrência na segunda metade do século XX. Esse perfil é ilustrado por uma curva em *S*, sendo, portanto, indicativo de *mudança lingüística*. Uma vez identificada a preferência por uma nova ordem, desenvolvemos evidência para a Hipótese da Proporção Constante (Kroch, 1989).

A descrição da estrutura sintática em que a construção com *vocativo* se realiza foi feita a partir da comparação do comportamento sintático deste consituint com o de outros (foco, tópico e constituintes deslocados). De acordo com a nossa hipótese, o *vocativo* é gerado na região que Rizzi (1997) chama de periferia esquerda da sentença podendo, ainda, ser movido dentro desta região (para a categoria Foc P).

ABSTRACT

The present study aims to research the *vocative* in constructions of the Brazilian Portuguese (BP) from the 19th and the 20th centuries. We attempt to describe, justify and analyze the conditions under which this phrase occurs in the sentences, using to achieve that propose a theoretical frame that reconciles the Theory of Variation and Linguistic Change (Weinreich, Labov e Herzog (1968) and Labov (1972, 1982, 1994)) and version of Principles and Parameters form the Generative Grammar (Tarallo & Kato, 1989) Kroch (1989), Ramos (1992), Chomsky, (1995, 2005)).

Since there is a remarkable lack of studies concerning the *vocative*, the general aim of this dissertation is to expand the existing knowledge on this matter. Our hypothesis is that this is a change process in Brazilian Portuguese involving the positions of placing the *vocative* in the sentence, namely, [Voc + Clause], [Clause + Voc] and [Clause + Voc + Clause]. Our study subject is therefore the syntactic behavior of this phrase in the sentence.

The *corpus* used consists of dialogues from plays written by Brazilian authors in the 19th and the 20th centuries. This choice is due to the fact that the selected dialogues represent the character's speech.

It was noticed a change concerning a variety of positions of placing the *vocative* in the sentence. It was found that the order [Clause + Voc] presents an upward profile, with the highest occurrence rate in the second half of the 20th century. This profile is illustrated by a curve in *S* and, therefore, it is an indicative of *linguistic change*. Once identified the preference for a new order, we collected evidence for the Constant Rate Effect (Kroch, 1989).

The description of the syntactic structure in which the *vocative* is inserted was made from the comparison of this phrases's syntactic behavior with the behavior of others (focus, topic and dislocated constituents). According to our hypothesis, the *vocative* is generated in the region called by Rizzi (1997) as the left periphery of the sentence; it may also be moved within that region (for the category Foc P).

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição das ocorrências de vocativo no corpus analisado	59
Tabela 2 - Taxa de uso das ocorrências de vocativo em função do tempo	60
Tabela 3 - Taxa de uso da construção [Or + Voc] em função do contexto	63
Tabela 4 - Taxa de uso da construção [Or + Voc] em função da natureza do material que compõe o vocativo	64
Tabela 5 - Taxa da construção [Or + Voc] em função do papel do vocativo	66
Tabela 6 - Taxa de uso da construção [Or + Voc] em função da descrição sintática do material vocativo	67

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Efeito do fator tempo sobre o uso da construção [Voc + Or].....	60
Gráfico 2 - Efeito do fator tempo sobre o uso da construção [Or + Voc]	61
Gráfico 3 - Efeito do fator contexto sobre o uso da construção [Or + Voc]	63
Gráfico 4 - Efeito da natureza do material que compõe o vocativo sobre o uso da construção [Or + Voc]	64
Gráfico 5 - Efeito do papel do vocativo sobre o uso da construção [Or + Voc]	67
Gráfico 6 - Efeito do fator descrição sintática do material vocativo sobre o uso da construção [Or + Voc]	68
Gráfico 7 - Aumento da estrutura [Or + Voc] no Português Brasileiro	71
Gráfico 8 - Efeito dos fatores favorecedores da construção [Voc +Or] ao longo do tempo.....	73

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Relação dos autores e textos das peças teatrais	41
---	----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO I - SOBRE O VOCATIVO	16
1.1. Histórico do estudo sobre o vocativo	16
CAPÍTULO II - QUADRO TEÓRICO: MUDANÇA LINGÜÍSTICA	25
2.1. A mudança lingüística no quadro da Teoria da Variação	26
2.1.1. Sincronia e diacronia	27
2.2. A mudança lingüística no quadro da Gramática Gerativa	29
2.2.1. O Programa Minimalista	30
2.2.1.1. Operações Computacionais: recurso para valoração de traços	31
2.2.2. Mudança Sintática e Aquisição da Linguagem	33
2.2.3. Ainda sobre a mudança sintática	35
2.3. Considerações finais	37
CAPÍTULO III - METODOLOGIA	39
3.1. A Amostra: Constituição e Caracterização	39
3.2. A Análise Quantitativa	42
3.2.1. Métodos e Procedimentos	42
3.2.2. A variável dependente	42
3.2.3. As variáveis independentes	43
3.2.3.1. Contexto em que o <i>vocativo</i> está inserido	43
3.2.3.2. Modo Verbal	44
3.2.3.3. O papel do <i>vocativo</i>	45
3.2.3.3.1. Os diferentes tipos de construções de tópico/ deslocamento	48
3.2.3.3.2. Uma comparação entre construções de tópico/ deslocamento e construções com <i>vocativo</i>	50
3.2.3.4. Natureza do material que compõe o vocativo	53
3.2.3.5. Descrição sintática do material vocativo	55
3.2.3.6. Tempo	57
3.3. Tratamento Quantitativo dos dados	57
CAPÍTULO IV - A ANÁLISE VARIACIONISTA	58
4.1. As Variantes da Variável Dependente nas Peças de Teatro dos séculos XIX e XX	58
4.1.1. A Variável Independente Externa	60

4.1.1.1. Análise do uso das Variantes da Variável Dependente de acordo com o tempo.....	60
4.1.1.2. Resultados da análise quantitativa realizada.....	62
4.1.2. A variável independente interna.....	62
4.1.2.1. Contexto em que está inserido o <i>vocativo</i>	63
4.1.2.2. Natureza do material que compõe o <i>vocativo</i>	64
4.1.2.3. O papel do <i>vocativo</i>	65
4.1.2.4. Descrição sintática do material <i>vocativo</i>	67
4.1.2.5. Resultados da análise das variáveis internas.....	69
4.2. Sobre o perfil de mudança identificado.....	69
4.2.1. Da aplicação da Hipótese da Proporção Constante (Kroch, 1989).....	71
4.2.1.1. O efeito dos contextos favorecedores.....	73
4.2.2. Recapitulando os resultados.....	75
4.3. Resumo do capítulo.....	75
Capítulo V - O VOCATIVO NA ESTRUTURA SINTÁTICA DA SENTENÇA.....	77
5.1. O EPP: sobre o movimento à esquerda.....	77
5.1.1. O Princípio da Projeção Estendida.....	77
5.1.1.1. O traço EPP.....	78
5.1.1.2. Operações Computacionais: recurso para valoração de traços.....	79
5.1.1.3. O traço EPP e a noção de fases.....	80
5.1.1.4. Concordância e foco: valores de um mesmo parâmetro.....	84
5.1.2. O EPP na descrição de operações de movimento.....	85
5.2. O <i>vocativo</i> na estrutura sintática.....	86
5.2.1. Sobre a periferia esquerda da sentença.....	86
5.2.1.1. O <i>vocativo</i> e a periferia esquerda.....	89
5.2.1.2. O <i>vocativo</i> e sua interpretação.....	90
5.2.2. Descrição da posição linear do <i>vocativo</i> na oração.....	94
5.2.3. Algumas considerações sobre o <i>vocativo</i> na estrutura sintática.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101

Apresentação

O presente trabalho tem como objeto de investigação o *vocativo* em construções do Português do Brasil dos séculos XIX e XX. Mais especificamente, busca-se identificar, descrever e justificar as condições sob as quais o *vocativo* se realiza, utilizando-se um quadro teórico que concilia noções da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1982, 1994)) e noções da versão de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa (Tarallo & Kato (1989), Kroch (1989), Ramos (1992), Chomsky, (1995, 2005)).

Observe-se que *vocativo* se apresenta em três posições na oração, as quais são exemplificadas a seguir¹:

(a) [Voc + Or]

Emília, há muito tempo que observo este teu padrasto.

(Martins Pena, 1956: 300)

(b) [Or + Voc]

Hoje não é dia de falar de coisas tristes, Vado.

(Mauro Rasi, 1995: 114)

(c) [Or + Voc + Or]

Deus, senhores, não se compraz com sacrifícios alheios.

(Martins Pena, 1956: 316)

Em (a) o termo “Emília” aparece à esquerda da oração [Voc + Or], separado dela por vírgula. Em (b), o termo “Vado” (*vocativo*), aparece à direita da oração – [Or + Voc], também separado por vírgula. Já em (c), o termo “senhores” (*vocativo*) aparece dentro do enunciado [Or + Voc + Or] e, por sua vez, intercalado por vírgulas.

De acordo com Houaiss (2001: 457), *vocativo* é o “termo que expressa, num discurso direto, aquele com o qual se está falando”. Na comunicação espontânea, o

¹ Os exemplos referentes à posição do *vocativo* dentro da estrutura frasal foram retirados do *corpus* do presente trabalho.

vocativo, normalmente, corresponde a um título, um nome próprio, um sobrenome, um termo carinhoso ou até ofensivo ou um apelido daquela pessoa com quem se quer falar.

Com base na definição acima, é evidente que o *vocativo* é muito empregado nos atos de fala no cotidiano dos usuários da língua. É notável, por outro lado, a escassez de estudos sobre o tema. A maioria dos autores faz ao *vocativo*, apenas breves referências; tanto os gramáticos tradicionais, quanto os estudiosos da linguística moderna, consideram o assunto, muitas vezes, de forma indireta. É o caso, por exemplo, de Neves (2000:72), na Gramática de Usos do Português, na qual o *vocativo* é mencionado quando se enumeram as funções sintáticas de determinados termos, como a do substantivo.

O objetivo geral desse trabalho é, portanto, ampliar o conhecimento já existente sobre o *vocativo*: fornecer um tratamento variacionista aliado a um tratamento sintático para as construções contendo *vocativo* encontradas em diálogos de peças de teatro escritas por autores brasileiros nos séculos XIX (1ª e 2ª metades) e XX (1ª e 2ª metades).

Os objetivos específicos buscados foram:

- 1) Apresentar uma descrição das ocorrências do *vocativo* nas sentenças.
- 2) Verificar se está ocorrendo um processo de *mudança em progresso* considerando a posição do *vocativo* na frase em *corpus* formado por diálogos de peças teatrais escritas por autores brasileiros nos séculos XIX e XX.
- 2) Identificar que fatores internos poderiam estar influenciando a posição do *vocativo* na frase.
- 4) Fornecer uma explicação sintática para as ocorrências de *vocativo* nas sentenças, com base em noções da Gramática Gerativa (Chomsky (1995, 2005)).

Esta dissertação está organizada em seis capítulos:

No primeiro capítulo, apresentamos o quadro geral do tratamento que tem sido dispensado ao *vocativo* nas gramáticas tradicionais e outros estudos recentes rotulados como não tradicionais. Discutimos o ponto de vista de muitos autores (a maioria deles, gramáticos) de que o *vocativo* é isolado do restante da sentença. No segundo capítulo,

são expostos os pressupostos teórico-metodológicos adotados na pesquisa: a interação entre noções da Teoria da Variação e Mudança e alguns pressupostos da Gramática Gerativa (Chomsky, 1995, 2005). Como veremos, a conciliação desses modelos elucidada a colaboração fornecida pela Sociolinguística para a descrição da mudança linguística no quadro da Gramática Gerativa e vice-versa. No terceiro capítulo, é descrita a amostra da qual os dados foram extraídos; são expostos os fundamentos metodológicos utilizados e os procedimentos relativos à coleta e organização dos dados. O quarto capítulo é dedicado à exposição dos resultados da análise variacionista do *corpus*, realizada na tentativa de verificar se está havendo mudança envolvendo a posição do *vocativo* na oração. No quinto capítulo, temos a descrição sintática das construções contendo *vocativo* com base no modelo de derivação por fases, elaborado por Chomsky (2005). Apresentamos, ainda, as configurações arbóreas das construções contendo *vocativo* em suas possíveis posições de colocação na oração. Por fim, são apresentadas as conclusões obtidas.

A seguir, apresentaremos o quadro geral do tratamento que se tem dado ao *vocativo*.

Capítulo I

Sobre o vocativo

Neste capítulo, contextualizamos teoricamente o nosso objeto de análise: definição e aspectos mais relevantes do *vocativo*, a partir da abordagem tradicional e outros estudos recentes sobre esse tema.

1.1. Histórico do estudo sobre o vocativo

Em latim, o *vocativo* é um ‘caso’ e apresenta, assim, uma marca morfológica. Além disso, é destacado na escrita pelo uso da vírgula e pela possibilidade de vir acompanhado pela interjeição *Ó*. Muitas das gramáticas do latim se limitam a tratá-lo como um “caso de apelo” ou palavra usada para “chamar”.

Pereira (1909: 435), na sua Gramática Expositiva – Curso Superior, considera o *vocativo* como um *aposto especial da segunda pessoa*, sem dar maiores detalhes do que seja um *aposto especial*.

Buscando os tipos de construções com *vocativo*, como também a descrição de sua estrutura morfossintática, dentro da abordagem tradicional, Dias (1918: 442), na *Syntaxe Histórica Portuguesa*, afirma que “só tem de se observar que é empregado, já quando se chama por alguém, ou se dirige a uma pessoa ou coisa personificada, já em simples exclamações”.

Já Brandão (1963: 319), em *Syntaxe e Construção da Língua Portuguesa*, identifica as possíveis posições de colocação do *vocativo* na sentença. Ele fala sobre o *vocativo* usando o termo “palavras em apóstrofe”. Segundo o autor, as palavras em apóstrofe podem ser colocadas no princípio (“*Senhor, escutae a voz dos oprimidos*”), no meio (“*As tuas leis, ó Marte, alguém se atreve a resistir?*”) ou no fim da proposição (“*É esforço deixar-te ameno asylo*”).

É interessante também a observação de Cunha (1971: 111) de que há diferentes tipos de *vocativo*. Segundo ele, há aqueles que sequer fazem referência a um termo da oração, à qual se encontra anexado; há aqueles que se referem a um termo da oração, “sem que a ele esteja subordinado: “*E ao vê-la acordarei, meu Deus de França!*”, em que o *vocativo* “meu Deus de França” não tem relação alguma com os outros termos da oração. Já em “*Dizei-me vós, Senhor Deus!*”, o autor observa que o *vocativo* “Senhor

Deus” se relaciona com o sujeito “vós” na oração. Como veremos no capítulo III, a observação desse autor está de acordo com a comparação que faremos, entre *vocativo* e foco², no primeiro exemplo citado; ou a comparação entre *vocativo* e deslocamento, no segundo exemplo citado³.

Macambira (1974: 349), em conformidade com Cunha (1971), apresenta como solução para a análise do *vocativo*, no que diz respeito ao termo fazer ou não referência a outro elemento da oração, que se faça a distinção entre *vocativo absoluto* e *vocativo relativo*. O primeiro apresenta-se “completamente solto sobre o aspecto sintático”, enquanto, no caso do segundo, “encontra-se na oração um termo a que se reporta e que deve ser um pronome pessoal”, como no exemplo “Medico, cura-te a ti mesmo”.

O *vocativo* é tido por muitos autores como não pertencente à oração, por não apresentar uma relação direta com o verbo. Assim, muitos deles identificam o *vocativo* em termos de sua entonação ou virgulação, mencionando sempre a presença das interjeições *Ó*, *Oh*, *Ah* que o precedem, como também o isolamento do sintagma em relação ao restante da oração (Melo, 1978; Câmara Jr., 1981; Luft, 1983; Cunha e Cintra, 1985; Cegalla, 1985; Bechara, 1999).

É da mesma opinião Bechara (2001: 460), que considera o *vocativo* “uma unidade à parte”. Para ele, o *vocativo* é “desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa; cumpre uma função apelativa de 2ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa a quem nos dirigimos”. Observa que algumas vezes vem precedido de *Ó*, que a tradição gramatical coloca entre as interjeições e que pode ser na realidade considerado um “morfema de *vocativo*”, dada a característica entoacional que o diferencia das interjeições propriamente ditas: “*Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?*.”

Bechara (op cit) descreve o *vocativo* de maneira mais detalhada do que os outros autores ao observar que “constitui por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições”⁴. Esta semelhança existente

² Constituinte do enunciado que representa o centro da entonação na estrutura de superfície, de acordo com Mira Mateus (1983).

³ Casos em que há retomada de sujeito ou de objeto. Identificamos, ainda, exemplos em que o *vocativo* pode se comportar sintaticamente como o tópico da sentença. Segundo Dubois (1978), topicalização é uma operação lingüística que consiste em fazer de um constituinte da frase o tópico e do restante da sentença o comentário.

⁴ Bechara (2001: 330) afirma, sobre as interjeições, que “em certas situações, podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas”. Mais à frente, o autor acrescenta que elas

entre *vocativo* e interjeição pode ser observada em alguns casos, como exemplificado a seguir:

(1) Coitadinho! Deve ficar uma vara quando pisa num cigarro aceso.

(2) Desgraçado! Será que morreu?

(Plínio Marcos, 1978: 19)

Em (1), “coitadinho” assemelha-se bem a uma frase exclamativa, a uma interjeição. E em (2), “desgraçado” também é bem caracterizado como tal classe de palavra, indicando impaciência. Resta-nos saber se as pessoas usualmente empregam tais termos tendo-os como interlocutores do ato de fala ou como expressão com que se traduzem os seus estados emotivos.

O autor diz, ainda, que o *vocativo* “às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte”, como se pode observar no seguinte exemplo da nossa amostra:

(3) E vós, senhoras, esperai da justiça dos homens o castigo desse malvado?

(Martins Pena, 1956: 335)

O termo “senhoras”, *vocativo* da oração, pode ser visto também como um aposto explicativo por designar uma particularidade atribuída ao pronome “vós”, que por sua vez já direciona a mensagem transmitida a ouvintes determinados.

Ainda, para Bechara (2001: 461), “o *vocativo* pode ser representado por substantivo ou pronome”, como está expresso nos exemplos (4) e (5), que compõem o *corpus*:

(4) Paula, não saias de junto de mim!

(Gonçalves Dias, 1868:180)

(5) Senhora, queira ter a bondade de sair cá para fora.

(Martins Pena, 1956: 309)

podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas *vocativo*.

Todavia, pode-se acrescentar que o *vocativo* pode ser também representado por adjetivos, uma vez que se encontram na amostra construções como a que se segue:

(6) É surdo, desgraçado?

(Plínio Marcos, 1978: 12)

Questiona-se, portanto, se estes “adjetivos” são empregados nestas sentenças com valor de substantivos, ou seja, se tais qualificações estão substantivadas. Esta substantivação poderia ocorrer devido à referência e ao apelo feitos à pessoas ou coisas, que por sua vez são substantivos. Neste trabalho, chamamos estas qualificações de “epítetos”. De acordo com Houaiss (2001:1181), epíteto é a palavra ou expressão que se associa a um nome ou pronome para qualificá-lo; qualificação elogiosa ou injuriosa dada a alguém; alcunha, qualificativo.

Como podemos ver, é relevante a descrição feita por Bechara (2001) e, ainda, as considerações de alguns autores em relação ao *vocativo*, como Brandão (1963), que observa as possíveis posições de colocação do *vocativo* na oração e, Cunha (1971) que observa que há diferença entre *vocativos*, quanto a fazer ou não referência a outro termo da oração, de modo que pode ou não estar relacionado com a oração em que se encontra anexado. Não obstante, a maioria dos gramáticos está em desacordo com estes autores por considerarem o *vocativo* como um termo isolado da estrutura argumental da oração.

Será que a maioria desses gramáticos se baseou somente em um tipo de construção com *vocativo* para fornecer suas descrições? Como vimos, há construções em que o *vocativo* sequer faz referência a um termo da oração à qual se encontra anexado e, ainda, aquelas que se referem a um termo da oração. Talvez, eles não atentaram para as especificidades das estruturas em que o *vocativo* se realiza.

Dentro dos estudos recentes, não identificados como tradicionais, alguns autores mencionam indiretamente o termo *vocativo* e poucos versam sobre ele.

Perini (1995:91) também trata o *vocativo* como “termo estranho à estrutura argumental da oração, que constitui por si só uma frase independente”. O autor afirma que o *vocativo* à primeira vista parece merecer o rótulo de adjunto oracional (AO), uma vez que tem os traços [-CV, +Ant, -Q, -Cl, +PA], o que faria dele um adjunto deste

tipo⁵. No entanto, para ele, há certas considerações que nos levam não só a negar que o *vocativo* seja um caso de AO, mas ainda a afirmar que uma análise por traços sintáticos não se aplicaria a este termo⁶.

Perini observa, ainda, o fato de o *vocativo* poder estar separado da oração por mudança de interlocutor, sem que isso produza impressão nítida de interrupção, como exemplificado a seguir:

(7) “Serginho!

_ O quê?

_ A bandeira está no chão”

(Ex. (123) de Perini, 1995: 91)

Já Mundim (1981: 7), no trabalho *Formas de tratamento e vocativos no Rio de Janeiro*, caracteriza o *vocativo* de maneira diferente das gramáticas tradicionais. A autora sugere que há uma estreita correlação do *vocativo* com a forma de tratamento utilizada no discurso: a presença do *vocativo* parece sugerir uma determinada forma de tratamento.

Para Mundim, “a opção por determinada expressão vocativa depende diretamente da intenção que temos ao nos dirigir a uma pessoa”. Assim, muitas vezes, tal processo é inconsciente, como ocorre em situações comuns do dia-a-dia (pedido de informação, perguntar as horas, etc). Entretanto, em situações mais específicas, a escolha do *vocativo* é decorrente de um processo de opção, consciente e elaborado e depende de um possível interesse pessoal⁷. O processo consciente de opção, no *corpus* analisado pela autora, foi mais atuante quando o falante utilizava um *vocativo não-profissional*. Na utilização de um *vocativo profissional*, o falante estaria protegido por uma espécie de escudo, uma vez que esse termo não apresenta alto grau de

⁵ Os traços especificados por Perini para descrever o comportamento sintático de um adjunto oracional referem-se às seguintes propriedades do constituinte em questão: [-CV], propriedade de estar em concordância com o NdP; [+Ant], propriedade de poder aparecer no início da oração; [-Q], propriedade de poder ser retomado pelos elementos *que*, *o que*, e *quem*; [-Cl], propriedade de ocorrer como foco de uma frase clivada correspondente; [+PA], propriedade de poder ocorrer na posição de auxiliar (entre o sujeito e o NdP). Um constituinte é marcado positivamente [+] quando tem a propriedade descrita pelo traço e, negativamente [-] quando não a tem.

⁶ Perini considera que a conexão do *vocativo* com a oração não é propriamente sintática, não tendo a ver com a estrutura da própria oração, mas com a organização do discurso.

⁷ Mundim (1981: 52) afirma que alguns informantes declararam que, dependendo da situação, poderiam usar o *vocativo doutor* para o deputado, principalmente, se estivesse em sua presença para pedir-lhe um favor.

envolvimento do falante. Ele estaria usando uma expressão que iria identificar uma categoria profissional dentro da sociedade.

De acordo com a autora, os *vocativos* “transmitem nuances diferentes de formalidade” e, por esse motivo, “têm um elo semântico que os mantêm de certa forma dependentes” das formas de tratamento, uma vez que os tratamentos também apresentam diferentes graus de formalidade.

A hipótese apresentada pela autora é a seguinte:

- 1- *senhor, meu senhor, moço, doutor*, etc (isto é, *vocativos* que inspiram maior formalidade) teriam correlação com o tratamento *senhor* (que também carrega nuance de formalidade).
- 2- *Vocativos* do tipo *cara, bicho, meu chapa, ô meu, ô malandro*, etc (que inspiram informalidade) ocorreriam juntamente com tu e você.

A fim de verificar a validade da hipótese apresentada, qual seja, da correlação semântica entre *vocativo* e tratamento, a autora apresenta resultados de dois testes escritos aplicados aos informantes:

- 1- Os *vocativos moço, senhor e amigo*, que segundo a autora trazem uma carga menor de informalidade, foram os que mais vieram acompanhados do tratamento *senhor*. Nos contextos em que aparecem os *vocativos meu camarada, meu chapa e ô cara*, que foram consideradas como expressões que denotam mais informalidade, a presença de *você e tu* foi mais freqüente do que a de *senhor*.
- 2- Os dados mostram que, para as quatro classes ocupacionais dos testes, os informantes apresentaram uma tendência de tratamento bem específica: a) para motorista de táxi e vendedores, o tratamento de maior probabilidade de ocorrência foi *você*; b) para as autoridades e os profissionais de “status”, o tratamento de maior probabilidade foi *senhor*.

Nascimento (2000:282) também discorda do ponto de vista de que o *vocativo* é isolado do restante da oração, citando os seguintes exemplos:

(8) Mariana, traz o café!

(9) Mariana, é você?

(Exemplos (11) e (12) de Nascimento (2000))

A autora considera que, nos dois exemplos, aparecem *vocativos*. No caso (8), sabe-se que a concordância dessa forma verbal (indicativo usado para imperativo) se dá, no português coloquial, com a 3ª pessoa do singular que não precisa estar expressa na oração. Os termos *Mariana* e o sujeito que está elíptico *você* são co-referentes. No exemplo (9), por sua vez, o sujeito está presente (*você*) e há co-referência entre a pessoa do *vocativo* e do *sujeito*. A autora cita, ainda, Di Cristo (1977), em trabalho sobre o *vocativo* no Francês, que mostra a existência de co-referência entre sujeito e a pessoa do *vocativo* nessa língua.

Alkmim (2004), ao refletir sobre a consideração de muitos estudiosos de que o *vocativo* é isolado do restante da oração, supõe que a “estranheza” no tratamento do termo tem aí sua razão de ser. Argumenta que se pensarmos na etimologia da palavra “sintaxe” (vem do grego e significa, *arranjo, disposição, organização*), temos que “sintaxe, assim, tem a ver com a estruturação interna da frase”. Nessa perspectiva, a autora questiona se é possível descrever o *vocativo* considerando apenas o ponto de vista da sintaxe, uma vez que este é considerado “uma unidade à parte”. Em resposta, a autora afirma que “para se descrever o *vocativo* sob o ponto de vista da sintaxe, é preciso listar os fatos sintáticos que serão relevantes para a análise do termo” e cita alguns deles:

1. Um primeiro elemento a investigar é a posição linear do termo dentro da estrutura frasal, ou simplesmente, a posição que essa unidade ocupa em relação às outras unidades do enunciado. Trata-se do que propomos fazer neste trabalho e o que foi realizado em trabalho anterior no âmbito do dialeto mineiro, o qual comentaremos mais adiante.
2. Em segundo lugar, é preciso observar os seus “constituintes” (certos grupos de unidades que fazem parte de seqüências maiores, mas que mostram certos graus de coesão entre eles). Como vimos, além de substantivos e pronomes, podem

constituir o *vocativo* também epítetos⁸. No capítulo III, seção 3.2.3.4, retomaremos esse fato sintático, ao discorrer sobre a natureza do material que compõe o *vocativo*.

3. Um outro elemento que é sempre investigado nas questões sintáticas é a relação de regência. De acordo com a autora, esse tipo de relação (nos termos da sintaxe) parece não existir em relação ao *vocativo* e outros termos da oração. No entanto, é observado que se um sujeito de simples passar a composto, automaticamente, haverá concordância verbal e o *vocativo*, por sua vez, sofrerá também mudanças para o plural. O que parece haver é uma co-referência entre a pessoa do sujeito e o *vocativo*, como apontado por Nascimento (2000). Ao investigar esse fato, veremos, no decorrer deste trabalho, que dentre os casos em que o *vocativo* tem ligação com a oração à qual se encontra anexado, pode haver aqueles em que o *vocativo* é co-referente do sujeito e aqueles em que é co-referente do objeto (ver Capítulo III (seção 3.2.3.3.)).

4. Por fim, Alkmim (2004: 4) ressalta que é passível de ser utilizado em análise também o recurso da topicalização e da clivagem. Entretanto, é observado que, no caso do *vocativo*, não se pode utilizar esse recurso na análise, pois o termo não o permite. A respeito deste fato sintático, temos a acrescentar, a partir do estudo que realizamos aqui, que a não aplicação deste recurso na análise, a saber, a topicalização em particular, se deve ao fato de que o *vocativo* pode comportar-se sintaticamente como o próprio tópico da sentença, como sintagma deslocado ou, ainda, como foco (ver capítulo III).

Em trabalho intitulado “*O Vocativo na Língua Coloquial de Minas Gerais no séculos XIX e XX: uma abordagem variacionista*”, Alkmim & Moreira (2005) apresentaram análise variacionista das sentenças com *vocativo* considerando a posição deste sintagma em relação à elocução: [Voc + Or], [Or + Voc + Or] e [Or + Voc]. O *corpus* utilizado é formado por diálogos retirados de peças de teatro escritas em Minas Gerais no século XIX.

⁸ De acordo com Houaiss (2001:1181), epíteto é a palavra ou expressão que se associa a um nome ou pronome para qualificá-lo; qualificação elogiosa ou injuriosa dada a alguém; alcunha, qualificativo.

Foi constatada uma preferência pelo uso da variante [Or + Voc] em relação às outras do *corpus*. Essa preferência começou a acontecer na 2ª metade do século XIX, quando a porcentagem de seu uso mudou de 34%, na 1ª metade do século XIX, para 46,7%, na 2ª metade desse século. Do trabalho de Alkmim & Moreira, podem-se extrair algumas questões. A primeira delas diz respeito à necessidade de investigar o avanço de uma possível *mudança em progresso* no Português Brasileiro envolvendo as posições de colocação de *vocativo* na oração⁹. Como complementação da análise variacionista, torna-se necessário, ainda, investigar que fatores poderiam estar influenciando uma ou outra posição desse sintagma na sentença.

Uma outra questão de importância, no estudo que aqui realizamos, diz respeito ao estudo do comportamento sintático do *vocativo* na oração e, por extensão, a descrição da estrutura sintática em que este sintagma se realiza. Esta descrição é necessária à medida que pode confirmar ou não a intuição de muitos estudiosos (a maioria deles, gramáticos tradicionais) de que o *vocativo* é isolado do restante da oração. Ainda, na descrição do *vocativo*, identificaremos a posição ocupada por este constituinte na estrutura sintática ao formularmos as configurações arbóreas das sentenças que o contêm (ver capítulo V).

Na presente seção, apresentou-se um quadro geral do tratamento dispensado ao *vocativo*. Tratou-se da definição e aspectos mais relevantes na perspectiva da abordagem tradicional e de alguns estudos lingüísticos contemporâneos. Passa-se, a seguir, para a descrição do quadro teórico a ser adotado no desenvolvimento deste trabalho.

⁹ Para tal, constituímos um *corpus* de peças de teatro escritas por autores brasileiros nos séculos XIX e XX.

CAPÍTULO II

Quadro teórico: Mudança Lingüística

Na realização deste estudo, adotamos a proposta de Tarallo & Kato (1989), segundo a qual é possível a conciliação entre a Sociolingüística Variacionista e a Gramática Gerativa. Essa proposta elucida a possível colaboração fornecida pela Sociolingüística Variacionista para a descrição da mudança lingüística no quadro da Gramática Gerativa, e vice e versa.

Para Tarallo & Kato (op cit), a variação sincrônica inter-lingüística e a variação diacrônica intra-lingüística são alterações decorrentes dos mesmos princípios gerais, constituindo, assim, um elo entre a Gramática Gerativa e a Sociolingüística Variacionista. Assim, os mesmos princípios e parâmetros deveriam dar conta da variação inter-lingüística e intra-lingüística e os conceitos de ‘encaixamento estrutural’ e ‘parâmetro’ poderiam ser conciliados.

Entre os estudos em que a proposta de conciliação de dois modelos de análise lingüística tem estado subjacente, encontra-se o de Ramos (1992), que contribui de maneira significativa para a explicitação e desenvolvimento dessa proposta (cf. também Kato & Roberts (1993)).

De acordo com Ramos (op cit), informações consideradas importantes em estudos gerativistas, tais como a evolução de uma mudança no eixo do tempo, o momento em que formas envolvidas num processo de reanálise ocorreram na língua e outras informações relevantes sobre mudança poderão ser depreendidas de estudos variacionistas, por estes últimos utilizarem a quantificação como parte de sua metodologia para análise de dados. Por outro lado, uma descrição gramatical das formas lingüísticas, consideradas como variantes em estudos sociolingüísticos, poderá contribuir para uma melhor compreensão dos fatores gramaticais que atuam sobre a mudança, principalmente, as mudanças sintáticas.

Neste enfoque, a autora ressalta que a concepção de mudança lingüística como substituição de uma gramática por outra, como concebida pela Sociolingüística

Variacionista, é formulada no quadro da Gramática Gerativa e entendida como um processo resultante da variação paramétrica. Uma vez que o objetivo da teoria lingüística é identificar e descrever princípios e parâmetros universais, o estudo da mudança no eixo do tempo é importante por permitir a identificação de parâmetros que mudaram, além de permitir também o diagnóstico do que se considerar um parâmetro.

O presente capítulo vai-se desenvolver do seguinte modo: apresentaremos a concepção de *mudança lingüística* nos quadros da Teoria da Variação e da Gramática Gerativa; faremos, assim, a revisão de alguns dos pressupostos teóricos da Sociolingüística Variacionista e do Programa Minimalista¹⁰ que serão relevantes para nossa análise nos próximos capítulos. Em última instância, discorreremos sobre a associação dos dois modelos que adotamos no presente trabalho.

2.1. A mudança lingüística no quadro da Teoria da Variação

Sabe-se que as línguas não são entidades estáticas, mas sofrem alterações ao longo do tempo, o que resulta em mudanças em sua configuração estrutural. A Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov & Herzog, 1968), como parte de uma investigação teórica mais ampla sobre a *mudança lingüística*, pode ser utilizada para descrever um processo de mudança no curso do tempo considerando diferentes sincronias, isto é, faixas temporais tomadas separadamente.

A concepção de língua que subjaz essa concepção teórica é a de “um sistema heterogêneo, ordenado, regulado por um conjunto de regras, do qual a variação é parte inerente” (Labov, 1972: p.233). Este modelo adota, portanto, como objeto de estudo, a variação, entendendo-a como fenômeno passível de ser descrito e analisado explicitamente.

A diversidade lingüística não é vista, portanto, como um problema, mas como característica do sistema lingüístico, ou seja, é fato que qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. A variação não incide, no entanto, diretamente sobre a língua, mas sobre a gramática da comunidade de fala¹¹, que é, por natureza, heterogênea.

¹⁰ O Programa Minimalista é a continuação da Teoria de Princípios e Parâmetros; trata-se do mesmo modelo mais simplificado, econômico (ver Chomsky (1995, 2005)).

¹¹ Comunidade de fala segundo Guy (2001) é formada por falantes que “compartilham traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros, comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.”

Nessa perspectiva, a variação é estruturada do seguinte modo: postula-se a existência de formas lingüísticas alternativas chamadas *variantes*, que por sua vez, configuram uma *variável lingüística*. Uma variável é considerada como dependente, isto é, o emprego das formas não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural.

As variáveis independentes podem ser de natureza interna (estrutural) — constituída por fatores fonológicos, morfossintáticos, semânticos, discursivos e lexicais — ou de natureza externa (não-estrutural) — composta por fatores inerentes ao falante (etnia, sexo, idade), pelos propriamente sociais (grau de escolaridade, renda, profissão, grupo social) e por fatores contextuais (grau de formalidade e tensão discursiva).

Essas variáveis podem influenciar a freqüência de ocorrência de variantes coexistentes ou concorrentes — que poderão ser prestigiadas ou estigmatizadas de acordo com a avaliação dos usuários da língua falada em uma dada comunidade lingüística. Por exemplo, fatores externos como escolarização alta e nível sócio-econômico alto propiciam o aumento na fala e na escrita de variedades prestigiadas. A predominância de uma determinada variável, sendo esta estigmatizada ou prestigiada, pode implicar em uma mudança lingüística.

Constitui função da Sociolingüística averiguar o grau de estabilidade ou de mutabilidade de uma variável dependente, investigando quais grupos de fatores exercem influência positiva ou negativa sobre a freqüência de ocorrência de variantes e, por fim, buscar uma sistematização para o fenômeno variável. Em outras palavras, estudos com enfoque sociolingüístico devem possibilitar a classificação de determinado fenômeno em variação como *variável estável* ou *mudança em progresso*. Entende-se por *mudança em progresso* uma mudança ainda não completada (cf. Weinreich, Labov e Herzog (1968)).

2.1.1. Sincronia e diacronia

Weinreich, Labov & Herzog (op. cit) acentuam que a mudança é conseqüência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais, no entanto, “nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade”. Essa correlação entre variação e mudança permite captar a continuidade e a gradatividade desta última. Formas velhas e novas se tornam concorrentes em um dado período de tempo, essa alternância pode representar uma transição para outro estágio da língua. Assim, a mudança não se dá por uma simples

substituição discreta de um elemento por outro, mas por um processo histórico, pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação que apresenta fases em que elas coexistem e fases em que entram em concorrência, ao fim da qual uma termina por vencer a outra (Labov, 1982: p.20).

Os referidos autores identificam a mudança como a face sincrônica da variação. Através de evidências obtidas em uma análise sincrônica, pode-se diagnosticar mudanças ocorridas no passado, o que permite o estudo diacrônico de um determinado fenômeno lingüístico. Desse modo, conhecimentos adquiridos através da *mudança em progresso* podem ser generalizados para as *mudanças* já terminadas utilizando-se o Princípio do Uniformitarismo (Labov, 1972: 161 e 1982: 20) segundo o qual os mesmos mecanismos que propiciaram uma mudança no passado podem ser os que atuam no presente.

O Princípio do Uniformitarismo faz-nos compreender que há certa regularidade no efeito de fatores controladores da variação e, portanto, há grandes possibilidades de que variações diagnosticadas no PB atual estejam presentes no português desde as suas origens. Assim, se é verdade que a compreensão dos fatos passados auxilia na compreensão dos fatos do presente, é bem verdade também que o presente pode elucidar processos de mudanças em andamento ou até mesmo concluídos.

No plano sincrônico, o objeto do modelo variacionista é o estudo da língua falada em seu contexto real de uso que somente se faz possível a partir do vernáculo, estilo em que o mínimo de atenção é dada à fala. Já no plano diacrônico, deparamo-nos com um problema: a ausência de falantes da língua representativa de períodos passados. Faz-se necessário, então, analisar documentos representativos do(s) período(s) de tempo em estudo, como é o caso deste trabalho.

Uma outra dificuldade é encontrar textos confiáveis capazes de retratar ou de se aproximar da língua utilizada àquela época. Como Labov (1994) afirma, os textos que retratam períodos antigos da língua são sempre repletos de lacunas. Estruturas que sobrevivem nos textos escritos podem constituir resultado de um esforço em direção à norma culta escrita, o que significa uma certa filtragem das formas lingüísticas e mesmo hipercorreção. Isso faz com que muitas vezes sejam observadas nos textos formas que há muito tempo desapareceram da fala.

Esses problemas podem limitar as conclusões a partir do estudo de um determinado fenômeno lingüístico. Entretanto, recorrer aos textos representativos de um dado período de tempo é válido por constituir o único meio para trilhar os caminhos

percorridos por um sistema lingüístico. Em Labov (1994), temos que no estudo diacrônico da variação lingüística se desenvolve a “arte de fazer bom uso de maus dados”. É tarefa árdua encontrar textos que reflitam a língua dos falantes de uma determinada época, no entanto, podemos nos valer de alguns cuidados na tentativa de minimizar estas dificuldades a ponto de reunir dados confiáveis ao estudo lingüístico.

Uma boa alternativa é o controle do gênero textual: é adequado o uso de cartas de cunho pessoal e/ou peças de teatro, uma vez que nesses textos, podemos encontrar a expressão da língua dos falantes de um determinado período de tempo em uma situação de menor formalidade ou de formalidade reconhecida¹².

É coerente dizer que há determinados fenômenos que são sensíveis a determinados tipos de textos. Em outras palavras, há determinados gêneros textuais que se fazem ambientes propícios para a ocorrência de um fenômeno lingüístico em particular. No nosso caso, é natural que em peças de teatro encontremos um número suficiente de construções com *vocativo* para a realização de uma análise quantitativa, uma vez que a construção com *vocativo* emerge em situações de interlocução, pois o termo em questão é muito empregado nos atos de fala pelos usuários da língua quando se chama ou se dirige a uma pessoa ou coisa personificada.

Vale observar, enfim, que para a realização de uma análise quantitativa, dentro do quadro teórico da Sociolingüística Variacionista, é necessário que sejam levantados um número exaustivo de dados. É importante tomar esta medida para evitar que os dados coletados sejam contaminados por características do idioleto de um determinado informante ou, no nosso caso, por característica estilística do autor de uma ou de outra peça teatral utilizada na composição da amostra. Ou seja, para garantir que não haja nenhum tipo de influência sob o uso das *variantes* consideradas e, assim, a variação seja captada em sua essência.

2.2. A mudança lingüística no quadro da Gramática Gerativa

A mudança lingüística é concebida, sob a perspectiva da Gramática Gerativa (doravante, GG), como a substituição de uma gramática por outra. A concepção de gramática adotada por esse modelo é a de conhecimento implícito que o falante tem da sua língua. A mudança, portanto, ocorre no indivíduo que é tido como um falante ideal e, não na sociedade.

¹² Para mais detalhes, ver Chaves & Moreira (2006).

Essa teoria propõe a Gramática Universal (GU), que é tida como um conjunto de princípios e parâmetros¹³. Os princípios são comuns a todas as línguas humanas; os parâmetros são constituídos por um conjunto finito de possibilidades que podem diferir em cada língua. São os parâmetros, portanto que determinam a variação lingüística¹⁴.

A implementação de uma mudança se dá no processo de aquisição da linguagem. Nesse processo, a criança não precisa aprender os princípios porque eles são invariáveis. O espaço da variação é definido, então, por um conjunto de escolhas paramétricas que interagem com os princípios. A hipótese de substituição de uma gramática por outra por parte do falante é formulada, então, como um processo de variação paramétrica.

O objetivo da Teoria Lingüística, tendo em vista a diversidade estrutural das línguas, é identificar e descrever os princípios e os parâmetros. Ao se assumir a *variação paramétrica*, é importante diferir duas concepções de língua propostas por Chomsky (1995): (i) o *input* avaliável para a criança durante a aquisição da língua, é o produto do sistema, a linguagem que as pessoas usam na comunicação (Língua-E); (ii) a gramática internalizada, coleção de parâmetros (Língua-I). É importante ressaltar que uma vez que não é possível ter acesso direto à gramática, a língua-E interessa à GG por viabilizar o acesso indireto a ela, através de dados lingüísticos coletados.

2.2.1. O Programa Minimalista

No Programa Minimalista (Chomsky, 1995), a faculdade da linguagem - princípios subjacentes às gramáticas de todas as línguas - consiste de um léxico e de um sistema computacional. A derivação de uma expressão se dá do seguinte modo: os itens que irão participar da derivação sintática são retirados do léxico e inseridos na numeração acompanhados de traços flexionais associados a eles. O sistema computacional organiza esses itens através das operações computacionais Juntar (“MERGE”) e Mover (“MOVE”) de acordo com as exigências paramétricas de uma língua em particular, no sentido de que o movimento de um constituinte pode ser requerido em uma língua e não em outra, pois um parâmetro pode ter valores diferentes (+/-) em línguas distintas.

¹³ Para Chomsky, o conhecimento lingüístico do falante é inato. A GU é proposta como parte de nossa dotação biológica, consiste de regras discretas e restrições que interagem de infinitas e não arbitrarias maneiras (Yang, 2000: p.2).

¹⁴ Salienta-se que os parâmetros são restritos às categorias funcionais: Determinante (DET), Concordância (Agr), Tempo (T) e Complementizador (COMP).

As operações computacionais são básicas na computação sintática: a operação Juntar retira os elementos da numeração e junta-os na estrutura sintática, ao passo que a operação Mover desloca constituintes que já estão na estrutura sintática para outras posições dentro da sentença. Uma vez finalizadas as operações, ocorre Spell-Out, que permite enviar o produto das operações para o componente fonético. A derivação converge se a dada expressão lingüística for legível constituindo-se, assim, a forma fonética (PF) e a forma lógica dessa expressão (LF) nos sistemas de interface (Sistema Sensorio Motor e Sistema Conceptual Intencional).

2.2.1.1. Operações Computacionais: recurso para valoração de traços

Um dos pressupostos teóricos do Programa Minimalista é o de que traços formais são objetos sintáticos que participam da constituição interna dos itens léxicos e dos núcleos funcionais. Esses traços podem ser interpretáveis ou não interpretáveis no nível de interface (Sistema Sensorio Motor e Sistema Conceptual Intencional). Dentre estes traços, estão os traços categoriais N, V, D e os traços- *phi* (número, pessoa e gênero) dos nomes, que são interpretáveis na interface semântica já que possuem significado por si só. Já o traço de caso dos nomes e os traços- *phi* dos verbos e adjetivos, são não interpretáveis no nível de interface¹⁵. Os traços formais não interpretáveis são, de fato, o que implementa o mecanismo de deslocamento.

As operações de movimento são engatilhadas para verificar esses traços. Assim, quando um traço flexional de uma categoria funcional é forte, ele deve ser verificado antes de ocorrer Spell-Out. Essa verificação de traços se dá quando itens lexicais são atraídos para o domínio da verificação de uma categoria funcional. Isso pode acontecer somente se houver correspondência dos traços das categorias funcionais e dos itens lexicais.

No texto de Chomsky (2005), as operações computacionais Juntar/ Mover são reduzidas à operação MERGE (Juntar). A operação Juntar se dá sempre à margem de um item lexical. Se um item lexical α entra na derivação e seu traço de margem (“edge feature”) não é satisfeito, a derivação não vai convergir. Se EF é satisfeito por α , então tem um complemento para ser interpretado em C-I (Sistema Conceptual Intencional).

¹⁵ Para Yoon (2000), a interpretabilidade é entendida da seguinte forma: traços gramaticais inerentes a uma categoria são interpretáveis; aqueles que são relacionados a uma outra categoria são não interpretáveis.

Considera-se, assim, que um item lexical tem um rótulo (“the label”) que é selecionado do léxico através da operação “Junção externa” (“External MERGE”). Esse item precisa ter um traço de margem para que a operação “Junção Interna” possa se aplicar. A margem é compreendida como a posição mais próxima da sonda. Os traços não interpretáveis da sonda serão valorados e, assim, também apagados antes que a derivação seja enviada para os níveis de interface, ou seja, para os componentes semântico e fonológico.

É importante ressaltar que os níveis de interface¹⁶ - exigem que ao Juntar dois objetos sintáticos X e Y, não haja alteração em nenhum dos dois objetos que compõem o produto {X,Y}. É o que requer a Condição de não-mudança (No Tampering Condition), que é considerada por Chomsky (op cit) uma condição essencial para uma computação bem sucedida.

Em resumo, toda operação sintática envolve a relação entre uma sonda e um alvo suficientemente próximo da sonda (Relação de Localidade), os quais devem combinar em termos dos atributos dos traços que fazem parte da operação Agree - caracterizada por ser uma relação assimétrica entre sonda e alvo. A sonda possui traços não interpretáveis (uF) e, o alvo é caracterizado por possuir traços interpretáveis (iF). Os atributos da sonda devem incluir os do alvo, o que permite que a sonda tenha um subgrupo dos atributos do alvo.

Em novo desenvolvimento da teoria, Chomsky propõe que a estrutura sintática é construída em *fases* (“phases”). As fases são definidas como os domínios nos quais os traços não interpretáveis são valorados. De acordo com Chomsky (2004, *apud* Chomsky, 2005), identificamos as fases fortes a partir das categorias funcionais CP e vP. C se refere à região que Rizzi chama de periferia à esquerda (“left periphery”), e v^o é o núcleo funcional associado a uma estrutura argumental completa. No final de cada fase, parte da estrutura sintática já formada é transferida (“transfer”) para os níveis de interface tornando-se, assim, inacessível para operações sintáticas subsequentes¹⁷.

¹⁶ Chomsky (2005) afirma, com base em SMT (Strong Minimalist Thesis), que a linguagem é uma solução ótima para as condições de interface que a FL (Faculdade da Linguagem – princípios subjacentes às gramáticas de todas as línguas) deve satisfazer; e ainda, que a GU (Gramática Universal) é restrita as condições impostas pelas condições de interface, quais sejam: Sistema Conceptual Intencional e Sistema Sensorio Motor. Restringe-se os recursos computacionais a esses dois caminhos, já que são considerados níveis dispensáveis informáveis: LF (*output* das operações sintáticas), a estrutura superficial (“s-structure”) e a estrutura profunda (“d-structure”).

¹⁷ O termo “transfer” é utilizado por Chomsky (2005) para se referir a “Spell-Out”.

2.2.2. Mudança Sintática e Aquisição da Linguagem

O estudo da mudança sintática é geralmente formulado em termos do processo de aquisição, uma vez que se assume que a aquisição é diretamente relacionada ao processo de mudança. Entender essa relação implica em entender como as crianças adquirem a língua nativa.

Muitos estudiosos tentam descrever a relação entre mudança lingüística e aquisição da linguagem. Dentre eles, Lightfoot (1991, 1999) que considera que os aprendizes prestam atenção somente nos gatilhos, que são propriedades sintáticas que definem os parâmetros, presentes nas sentenças matrizes/ principais. Assim, as línguas podem mudar a partir de desvios nas frequências de uso dos vários tipos de sentenças. Essa distorção de frequências se torna tão marcada que os aprendizes não são expostos a dados cruciais e, assim, adquirem uma gramática diferente das gerações anteriores¹⁸.

É considerado que mudanças começam com uma mudança na gramática e, essa mudança gramatical interfere na frequência com que certas formas são usadas. A mudança é, assim, determinada pelos tipos de erros que os aprendizes são capazes de cometer, o que causa imprecisão na transmissão da língua. A questão que tem sido colocada é como a criança consegue adquirir a língua em tão pouco tempo com tão poucos dados ou com dados tão imperfeitos?

Kroch (2001) critica o ponto de vista de Lightfoot: como as evidências vão mudar se o parâmetro ainda não mudou? É inconcebível, para ele, que uma mudança ocorra tão rapidamente.

Já para Hróarsdóttir (2003), a aquisição da linguagem é definida como um processo em que a gramática universal (GU) interage com um conjunto de dados lingüísticos, o *input* avaliável para a criança durante o processo de aquisição da linguagem em um contexto específico. A criança tem acesso aos PLD (Dados Lingüísticos Primários), a língua falada pelos pais e pelas pessoas do convívio desta. Esses dados são utilizados como um recurso para ativar seu conhecimento inato e para a maturação da gramática e, são relevantes, portanto, para o acionamento dos parâmetros.

Essa definição está em concordância com a afirmação de Kroch (2001) de que a aquisição bem sucedida da sintaxe de uma língua depende claramente da interação das suas propriedades estruturais com a característica do aprendiz. Para o autor, a variação

¹⁸ Se encontra evidência disponível, o aprendiz mapeia corretamente, mas quando o gatilho é raro, o parâmetro é fixado erroneamente.

ocorre no *output* dos adultos, não na gramática dos adultos; o que muda é a gramática das crianças.

Segundo Kroch (op cit), a mudança lingüística é, então, por definição uma falha na transmissão de traços através do tempo. Tais falhas parecem ocorrer no curso da aquisição da linguagem; são falhas no aprendizado. Uma vez que, numa instância de mudança sintática, o traço que o aprendiz falha em adquirir é aprendível em princípio, tendo sido parte da gramática da língua num passado imediato, a causa da falha deve recair em alguma mudança, talvez sutil, no tipo de evidência disponível para o aprendiz ou em alguma diferença, por exemplo, na sua idade durante o processo de aquisição, como no caso da mudança induzida através de contato lingüístico¹⁹.

Para ele, então, a mudança sintática consiste em uma reanálise gramatical abrupta que ocorre quando uma nova geração adquire a língua. A mudança em outros níveis de estrutura como quer que tenha sido causada provoca uma reanálise gramatical: há uma relação causal entre as mudanças e, assim, uma mudança no nível morfofonológico pode levar a uma mudança no nível sintático simplesmente pela evidência disponível ao aprendiz²⁰.

Um exemplo ilustrativo fornecido pelo autor é o de que a perda da distinção morfológica no sistema de casos devido a um enfraquecimento fonológico na terminação das palavras é geralmente pensada como o que leva a uma rigidez na ordem das palavras (para compensar a ambigüidade induzida pela perda de casos). Assim, o Holandês perdeu suas terminações de caso e tem praticamente uma ordem fixa das palavras, enquanto o Alemão, que manteve um sistema de quatro casos distintos, permite o ordenamento livre de constituintes.

Além disso, Kroch (op cit) considera que a freqüência com que as formas lingüísticas são utilizadas é resultado da competição de gramáticas²¹. Em uma situação de contato com outra comunidade de fala, as pessoas vão ouvir expressões de uma e de

¹⁹ Ressalta-se, no entanto, que o nosso entendimento de falhas na transmissão é muito limitado porque a nossa compreensão da relação entre a evidência apresentada ao aprendiz e a gramática adquirida ainda é imprecisa. Os estudos de aquisição da linguagem, geralmente, tomam por certo que a evidência a que o aprendiz é exposto é suficiente para garantir uma aprendizagem precisa por parte de um aprendiz competente; isto é, uma criança na sua idade crítica. Para o autor, essa suposição é perfeitamente razoável, mas há limites para a sua validade.

²⁰ É importante salientar que, de acordo com essa concepção, a mudança não existe na língua (mudança endógena), mas é inferida pelas pessoas, sendo despida da noção de deriva segundo a qual a língua é independente das pessoas que a falam. Uma proposta gerativa que permite a mudança sintática endógena, ou seja que a mudança é inerente à sintaxe é a de Andersen (1973), *apud* Kroch (2001)).

²¹ Para ele, a língua só muda quando há competição de gramáticas.

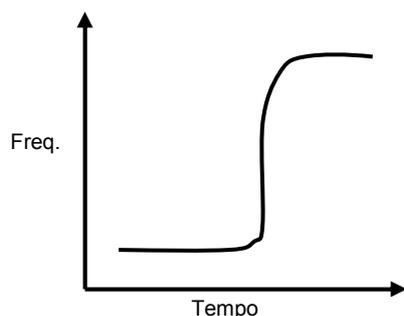
outra comunidade²². A criança estará exposta a parâmetros diferentes e fará uma escolha.

A noção de competição é formulada ainda em relação à diglossia sintática. Considera que formas em competição se fazem presentes no registro social com uma variante vernacular lentamente guiando uma variante escrita fora do uso. O autor caracteriza cada estilo/ registro como uma gramática diferente, o que leva a considerar que tanto o falante quanto a comunidade são bidialetais.

2.2.3. Ainda sobre a mudança sintática

Bailey (1973, *apud* Kroch, 1989:03) postula um modelo de ondas baseando-se em dois princípios. O primeiro princípio postula que a mudança lingüística segue uma curva em *S* ao longo do tempo, isto é, novas formas substituem as primeiras, inicialmente de forma devagar e, nos estágios médio e final, a substituição se dá de forma acelerada, de modo que as formas velhas se tornam raras. O segundo princípio trata das diferentes taxas de uso da forma inovadora em diferentes contextos. De acordo com este último, a forma inovadora ocorre, em seu estágio inicial, em seu contexto favorável e, sucessivamente, ocorre menos em contextos menos favoráveis. O gráfico seguinte ilustra a curva em *S*:

(10) Curva em *S*



Kroch (op cit) contesta o modelo de ondas de Bailey. Para ele, a curva em *S* reflete uma mudança no uso da língua e, não uma mudança na gramática.

O autor observa que quando uma forma gramatical é substituída por outra, a taxa de substituição é a mesma em todos os contextos. Os contextos que favorecem a forma

²² Para Kroch (2001:24), “uma força atuante para a mudança sintática, cuja força não pode ser posta em dúvida é o contato lingüístico.”

inovadora são, geralmente, diferentes para cada período de tempo, mas isso não influencia no espriamento da forma. O próprio autor declara que o esperado seria que a mudança fosse mais rápida em contextos em que a forma inovadora fosse mais comum, porém tem desenvolvido evidência quantitativa para essa hipótese, que é a Hipótese da Proporção Constante.

É importante ressaltar que a Hipótese da Proporção Constante também pode ser observada quando se analisam diferentes mudanças. Por exemplo, analisando a perda de V2 no francês, Adams (1987b, *apud* Kroch, 1989) observa que tal mudança está correlacionada ao preenchimento do sujeito nessa língua. Analisando os dados de Adams, Kroch mostra que as taxas dos dois fenômenos são muito próximas uma da outra.

É visto que essa hipótese apresenta evidências de que a análise gramatical que define contextos de uma mudança é quase abstrata. Os contextos que mudam conjuntamente codividem uma estrutura sintática cuja existência pode somente ser produto de uma análise gramatical abstrata por parte dos falantes.

Consoante essa abordagem, a razão da mudança em diferentes contextos superficiais reflete uma mesma mudança paramétrica, de modo que um único parâmetro gramatical é envolvido na mudança. Atesta-se que a mudança paramétrica pode forçar inúmeras reanálises diacrônicas simultâneas ou quase simultâneas manifestadas como mudanças observáveis²³. Em outras palavras, várias mudanças sintáticas (não paramétricas) podem estar envolvidas na mudança de um parâmetro.

A Hipótese da Proporção Constante seria superior aos outros modelos, pois permite entender a relação entre padrões gramaticais encobertos descritos por gerativistas e padrões de frequência revelados por métodos sociolinguistas. É a partir dos dados coletados por estes últimos, que se torna possível aprender como a gramática das línguas mudam de um estado para outro ao longo do tempo, o entendimento do processo pelo qual há mudança, e ainda, aprender mais sobre os princípios de organização da gramática universal.

²³ Essas mudanças observáveis são chamadas por Roberts (1993), *apud* Kato & Roberts, 1993)) de *passos*. Os *passos* seriam estruturas que se tornam menos frequentemente usadas, mas não totalmente eliminadas dos dados. Isso quer dizer que o sistema gramatical ainda permite aquelas construções.

2.3. Considerações finais

Na presente seção, apresentou-se a concepção de *mudança lingüística* nos quadros da Teoria da Variação e da Gramática Gerativa, uma vez que, neste trabalho, propomos adotar a conciliação desses dois modelos de análise lingüística; a partir do pressuposto de que essa conciliação elucida a colaboração fornecida pela Sociolingüística para a descrição da *mudança lingüística* no quadro da Gramática Gerativa e vice-versa.

Do ponto de vista da Sociolingüística Variacionista, Wenreich, Labov & Herzog (1968) afirmam que uma questão crucial se refere à inter-relação entre uma teoria da mudança e uma teoria da linguagem. Para eles, um refinamento na teoria da linguagem tem conseqüências não só na postulação/formulação dos fatores condicionantes, mas no próprio elenco das mudanças postuladas.

Na perspectiva da abordagem gerativista, Lightfoot (*apud* Kroch, 2001:117) também leva em consideração que o método histórico e o método gerativo se complementam. O autor considera que os dois tipos de mudança são dependentes do tempo, mas em dois caminhos diferentes. Assim, lingüistas diacrônicos podem descrever as gramáticas da língua com o mesmo método e com as mesmas idéias de lingüistas sincrônicos gerativistas: “nós podemos descrever a gramática antes e depois da mudança”, através da comparação e análise de diferentes Língua-I. Acrescenta-se que para comparar diferentes sistemas (gramáticas) e explicar a diferença, é preciso ter conhecimento de dois (ou mais) estágios sincrônicos, no intuito de conhecer o que mudou entre o estágio 1 e o estágio 2. Desse modo, é necessário: (i) descrever cada estágio sincrônico; (ii) comparar os estágios; (iii) explicar a diferença.

Chomsky (2000) ressalta que a mudança no uso pode, de fato, implicar uma mudança na gramática. Para o autor, a estrutura lingüística é o conhecimento (competência) da mente/cérebro de falantes individuais. Ressalta-se que, se a estrutura lingüística está dentro do nosso cérebro, a mudança diacrônica deve estar conectada ao espriamento de mudanças, tomando lugar através de muitas gerações, uma vez que deve ser conectada à linguagem em uso (Língua-E). Nessa linha de raciocínio, consideramos que a Língua-E pode se desenvolver gradualmente em várias gerações,

até que, em um dado momento, o uso da língua não reflete mais a gramática subjacente: ocorre, então, mudança na Língua-I²⁴.

Ressalta-se, ainda, que a concepção de mudança lingüística como substituição de uma gramática por outra, como concebida pela Sociolingüística Variacionista, é formulada no quadro da Gramática Gerativa e entendida como um processo resultante da variação paramétrica. Uma vez que o objetivo da teoria lingüística é identificar e descrever princípios e parâmetros universais, o estudo da mudança no eixo do tempo é importante por permitir a identificação de parâmetros que mudaram, além de permitir também o diagnóstico do que se considerar como parâmetro.

Passa-se, no próximo capítulo, à descrição da metodologia de estudo utilizada para a realização do presente trabalho.

²⁴ É importante lembrar que a língua-E interessa à GG em termos de quantificação, uma vez que não é possível ter acesso direto à gramática.

CAPÍTULO III

Metodologia

No presente capítulo, apresentamos a amostra da qual os dados foram extraídos e os procedimentos metodológicos utilizados na coleta, organização e processamento dos dados.

No capítulo anterior, sobre o quadro teórico utilizado, buscou-se demonstrar que uma abordagem variacionista pode contribuir para o esclarecimento de informações consideradas importantes em estudos gerativistas. Nessa perspectiva, utilizamos nesse estudo, como recurso metodológico, uma análise quantitativa dos dados apoiada na metodologia da Teoria da Variação. Tal modelo é executado através do programa estatístico Goldvarb 2001 ou Versão Varbrul para Windows (Robinson, Lawrence & Tagliamonte, 2001).

3.1. A Amostra: Constituição e Caracterização

A nossa amostra foi composta por diálogos de peças de teatro escritas nas primeira e segunda metades dos séculos XIX e XX. A escolha de peças de teatro para constituição da amostra justifica-se pelo fato de serem textos que mais se aproximam da modalidade oral da língua, uma vez que tendem a ser a representação da fala da personagem.

Como vimos, essa escolha deve-se ainda ao fato de nesses textos encontrarmos um número considerável de construções com *vocativo* para a realização de uma análise quantitativa²⁵. Lembramos que a construção com *vocativo* emerge em situações de interlocução (discurso direto), já que o termo em questão é empregado quando se chama ou se dirige a uma pessoa ou coisa personificada.

Para a constituição do *corpus*, em um primeiro momento, utilizaríamos peças teatrais escritas por autores nascidos em Minas Gerais. No entanto, houve uma certa dificuldade para a montagem desse *corpus*, visto que na 1ª metade do século XIX não

²⁵ Sabe-se que para a realização de uma análise quantitativa, dentro do quadro teórico da Sociolinguística Variacionista, é necessário que sejam levantados um número exaustivo de dados.

foram encontradas peças de autores mineiros²⁶. Uma outra dificuldade foi, ainda, encontrada ao restringirmos nossa pesquisa ao Dialeto Mineiro: a de reunir peças de teatro de mais de um autor para cada período de tempo considerado no estudo. É importante lembrar que esse critério, a saber, o de reunir peças de teatro de mais de um autor para cada período de tempo considerado, foi adotado no intuito de evitar que características estilísticas da escrita de um determinado autor pudesse influenciar no uso de uma ou de outra variante.

Tendo em vista estas dificuldades, optamos por utilizar peças de teatro escritas por autores brasileiros. Para a formação do *corpus* do século XIX, foram consultadas peças de teatro dos seguintes autores: Martins Pena, Gonçalves Dias, Severiano Resende e Modesto de Paiva. Já os dados referentes ao século XX, foram extraídos de peças de teatro dos autores: Plínio Marcos, Mauro Rasi, Américo Werneck e Luiz de Oliveira.

As peças teatrais que compõem o *corpus* do século XIX são:

- Leonor de Mendonça de Gonçalves Dias (1846)
- O Noviço de Martins Pena (1853)
- A virgem Martyr de Santarém de Severiano Resende (1870)
- A onça de Modesto de Paiva (1897)

O *corpus* do século XX é composto pelas seguintes peças teatrais:

- Lucrecia de Américo Werneck (1900)
- Cenários de Luiz de Oliveira (1917)
- Dois perdidos numa noite suja de Plínio Marcos (1979)
- Pérola de Mauro Rasi (1995)

²⁶ No trabalho de Alkmim e Moreira (2005), desenvolvido no âmbito do Dialeto Mineiro, foi encontrada essa mesma dificuldade para a montagem do *corpus*. Para que o número de dados não ficasse prejudicado, optou-se por computar peças (comédias) de autor brasileiro não nascido em Minas Gerais: Martins Pena.

Para evitar que textos que tiveram edições atualizadas fossem analisados, foram selecionadas com o máximo de rigor possível. Assim, buscamos as edições mais antigas de cada obra, ou ainda, quando possível, o original manuscrito, como pode ser visualizado no quadro 1, a seguir²⁷:

Quadro 1
Relação dos autores e textos das peças teatrais

PERÍODO	AUTOR	TEXTO	ACERVO
1ª metade do séc. XIX	Gonçalves Dias	Obras Posthumas de Gonçalves Dias (edição mais antiga encontrada)	Bibl. da Escola de Belas Artes da UFMG*
	Martins Pena	Volume intitulado “Comédias” Edição crítica preparada por Darcy Damasceno (edição mais antiga encontrada)	Bibl. da Faculdade de Letras da UFMG**
2ª metade do séc. XIX	Modesto de Paiva	Manuscrito	Bibl. da UFSJ – Acervo do Clube Teatral Artur Azevedo***
	Severiano Rezende		
1ª metade do séc. XX	L. de Oliveira A. Werneck	1ª edição	Bibl. Luís de Bessa****
2ª metade do séc. XX	Plínio Marcos	Edição mais antiga encontrada	Bibl. Luís de Bessa****
	Mauro Rasi	1ª edição	Bibl. do Teatro Universitário da UFMG*****

*Biblioteca da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte (MG).

²⁷ A referência bibliográfica de todas as peças e obras utilizadas na composição do *corpus* encontra-se na Bibliografia.

**Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte (MG).

***Acervo do Clube teatral Artur Azevedo – Biblioteca da Universidade Federal de São João Del Rei, em São João Del Rei (MG).

****Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte (MG).

***** Biblioteca do Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte (MG).

Com a amostra definida, pudemos coletar os dados para este estudo. Foram retiradas das peças todas as ocorrências de *vocativo*, chegando-se à soma de 1420 dados. Obtivemos, assim, um *corpus* formado por diálogos de peças teatrais relativo ao período de tempo em que foram escritos. Podemos dizer, enfim, que obtivemos dados representativos da fala dos períodos passados da língua considerados neste estudo.

3.2. A Análise Quantitativa

3.2.1. Métodos e Procedimentos

Para a realização da análise quantitativa, as peças de teatro foram lidas e as construções contendo *vocativo* foram transcritas. Os dados foram codificados, a partir de hipóteses formuladas no decorrer da pesquisa, e submetidos como “*input*” ao programa de análise estatística Goldvarb 2001 ou versão Varbrul para o Windows.

Dessa forma, foi possível não somente a descrição das ocorrências levantadas no *corpus* – a variável dependente -, como também o estabelecimento de um conjunto de fatores que condicionam as formas de realização do *vocativo* na frase – as variáveis independentes.

3.2.2. A variável dependente

Estamos tomando, como variável dependente, dados que apresentam construções com *vocativo*. As três variantes consideradas para efeito de levantamento foram: [Voc + Or], [Or + Voc + Or] e [Or + Voc], já exemplificadas anteriormente e que, por motivo de clareza, serão apresentadas, novamente, a seguir:

(a) [Voc + Or]

Emília, há muito tempo que observo este teu padrasto.

(Martins Pena, 1956: 300)

(b) [Or + Voc]

Hoje não é dia de falar de coisas tristes, Vado.

(Plínio Marcos, 1995: 90)

(c) [Or + Voc + Or]

Deus, senhores, não se compraz com sacrifícios alheios.

(Martins Pena, 1956: 316)

Na seção seguinte, definiremos as variáveis independentes internas e externa que atuam sobre a posição do *vocativo* na sentença.

3.2.3. As variáveis independentes

A variável dependente foi observada em relação a alguns fatores que poderiam estar atuando sobre essa variável. Apresentaremos, a seguir, esses fatores, justificando sua escolha e exemplificando-os com ocorrências extraídas da amostra analisada.

I - Fatores Internos**3.2.3.1. Contexto em que o *vocativo* está inserido**

Foi verificado se o *vocativo* está inserido em Período Simples, Período Composto por Coordenação (orações não-encaixadas) ou em Período Composto por Subordinação (orações encaixadas), como mostram os exemplos a seguir:

A) Período Simples

(11) Antônio, é outra a tua devoção. – Oração não encaixada

(Gonçalves Dias, 1868:199)

B) Período Composto por Coordenação

- (12) Senhora, torne a si, deixe desses faniquitos. - Oração não encaixada
(Martins Pena, 1956: 305)

C) Período Composto por Subordinação

- (13) Peço-vos que me não interrogueis, meu pai. - Oração encaixada
(Gonçalves Dias, 1868: 210)

De acordo com Lightfoot (1991, 1999), a mudança implementa-se a partir das orações principais²⁸. Com base nessa afirmação, consideramos o controle desse fator importante para verificar o avanço de uma possível *mudança em progresso*.

3.2.3.2. Modo Verbal

Esse fator foi dividido em: Imperativo e ‘outros’. Estamos entendendo ‘outros’ como as ocorrências de *vocativo* em sentenças que não se encontram no modo Imperativo. A seguir, expomos alguns exemplos dos modos verbais selecionados:

A) Imperativo

- (14) Minha mãe, não diga isso, seu incômodo passará.
(Martins Pena, 1956: 321)

B) Outros

- (15) Ih, acabou o seu sossego, Pérola.
(Mauro Rasi, 1995: 121)

²⁸ Em outras palavras, para Lightfoot (1991, 1999), as mudanças ocorrem primeiro nas orações principais, atingindo em seguida as orações encaixadas. Como foi visto no capítulo II, ao relacionar os processos de mudança linguística e aquisição da linguagem, o autor considera que os aprendizes de uma língua prestam atenção somente nos gatilhos (propriedades sintáticas que definem os parâmetros) presentes nas sentenças matrizes/ principais.

A escolha desse fator se deve ao fato de observarmos no *corpus* a recorrência de *vocativo* em sentenças em que o verbo se encontra no modo Imperativo. Desse modo, era nossa expectativa que a modalidade [Or + Voc] fosse mais freqüente em sentenças com verbo conjugado nesse modo verbal.

3.2.3.3. O papel do *vocativo*

O fator ‘papel do *vocativo*’ nos permitiu fazer uma separação das ocorrências de construções com *vocativo*, de um lado, construções em que o *vocativo* participa do evento da ação verbal e, construções em que não há participação deste sintagma no evento, de outro.

Foram definidas, então, três classes de *vocativo*. São duas as classes em que o *vocativo* participa do evento da ação verbal: (i) *Vocativo* como tópico da sentença; (ii) *Vocativo* como constituinte deslocado. A terceira classe de *vocativo* definida, no *corpus* deste trabalho, é um tipo de construção contendo *vocativo* em que não há participação desse sintagma no evento, a saber: (iii) *Vocativo* como foco²⁹.

Nas seções seguintes, descreveremos as classes de *vocativo* definidas.

i) Participação do *vocativo* no evento: topicalização

Pontes (1986) mostra que em português encontramos, normalmente, o tipo de sentenças que Li e Thompson (1976) consideram como exemplos de construções de tópicos³⁰: “*Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira*”; “*As árvores, são altos os troncos*”. São sentenças em que se enuncia um tópico seguido de um comentário, expresso por uma sentença completa, com sujeito e predicado. Quando temos um tópico distinto do sujeito, temos um tópico seguido de comentário. Nesse tipo de sentença, distingue-se claramente o sujeito do tópico³¹.

²⁹ De acordo com Mira Matheus (1983), foco é o “constituinte do enunciado que representa o centro da entonação na estrutura de superfície”.

³⁰ Li e Thompson (*apud* Pontes, 1986) advogam que, pelo menos em certas línguas, a estrutura tópico-comentário é básica. Em línguas como o Chinês, sentenças como *Aquelas árvores, os troncos são altos* são recorrentes.

³¹ Para distinguir o sujeito do tópico, Li & Thompson (1976, *apud* Duarte, 1987) propõem como critério o papel que cada um deles desempenha em certos processos gramaticais. Assim, o sujeito, mas não o tópico, “desempenha um papel proeminente em processos de reflexivização, passivização, supressão do SN idêntico, serialização verbal e imperativização”.

Um exemplo de construções com *vocativo* à semelhança de construções de tópico é o seguinte:

(16) *Carlos_j*, o D. Abade julgou mais prudente que *c.v_j* lá não voltásseis.

(Martins Pena, 1956: 335)

No exemplo acima, o *vocativo Carlos* é movido para uma posição à esquerda, deixando uma categoria vazia (*c.v*) na sua posição de base (posição de sujeito da segunda oração). Observe-se, assim, que o *vocativo* é co-referente do sujeito (nulo) da segunda oração e, portanto, participa do evento da ação verbal.

ii) Participação do vocativo no evento: deslocamento

Pontes (1986) observa que o aparecimento de exemplos de construções de deslocamento à esquerda se dá ao fazer uma pergunta relativa à pessoa (ou coisa) que aparece depois topicalizada:

(17) A- Tô procurando a Vanda.

B- A Vanda, eu encontrei com ela ontem.

A- Eu quero ver esses negócios de esquema.

B- Esquema, nós vamos trabalhar com isso com o Perini uma hora dessas.

(Exemplos de Pontes, 1986: 179)

À semelhança dessas sentenças, temos exemplos de construções com *vocativo* no *corpus* desse trabalho:

(18) *Carlos_j*, tratemos da promessa que *te_j* fiz.

(Martins Pena, 1956: 314)

Observamos, no exemplo acima, que o item anafórico *te* retoma o sintagma nominal *Carlos* expresso pelo *vocativo*, havendo, participação do *vocativo* no evento da ação verbal. Trata-se de um exemplo de construção de deslocamento à esquerda: o constituinte *Carlos* encontra-se numa posição à esquerda e é interpretado como co-referente ao pronome *te* (objeto da oração). Essa mesma sentença corresponderia a uma

construção de tópico se fosse suprimido o pronome *te* (*Carlos_j*, tratemos da promessa que *c.v._j* fiz), uma vez que o item topicalizado é movido. Na sintaxe visível, deixa uma *c.v.* na posição de base do item.

A referida autora ressalta ainda que construções de tópico remetem ao que os gramáticos costumam chamar de anacoluto. Segundo ela, os gramáticos dão como exemplos de anacoluto construções que chamamos de deslocamento à esquerda como:

(19) A Rosa, eu falei com ela ontem.

O Maciel, você acha que ele é atrasado?

(Exemplos de Pontes, 1986: 16)

São exemplos de construções com *vocativo* em que o sintagma deslocado se encontra à direita³²:

(20) Não *vos_i* parece que seria isso uma loucura, *senhor duque_i*?

(Gonçalves Dias, 1868: 256)

No exemplo acima, o pronome *vos* é co-referente ao sintagma nominal expresso pelo *vocativo senhor duque*, o que implica a participação deste no evento. Observe-se, no entanto, que a expressão co-referente ao *vocativo*, nesse exemplo, aparece antes dele. De acordo com Halliday & Hasan (1976), quando o item de referência antecipa um signo ainda não expresso, é a catáfora³³.

iii) A não-participação do *vocativo* no evento

Além dos tipos de construções contendo *vocativo* já mencionados, há, ainda, um outro tipo de construção no *corpus* analisado. Trata-se de construções com *vocativo* à semelhança de foco, como a que se segue:

³² O *vocativo* pode se realizar à direita também quando se comporta sintaticamente como tópico ou foco e, não somente quando deslocado.

³³ Halliday & Hasan (1976) afirmam que a referência textual (endofórica ou textual) pode ser de dois tipos: o item de referência pode retomar um signo já expresso no discurso – é a anáfora –, ou pode antecipar um signo ainda não expresso – é a catáfora. Segundo eles, uma vez que qualquer item referencial é vazio de sentido, há necessidade de uma pressuposição: o objeto referido tem que ser identificado de maneira a conferir significado aquele item.

(21) *Pai*, a Pepa e a Maria Cristina ainda estão morando aí?

(Mauro Rasi, 1995:80)

Como se vê, na sentença acima, o *vocativo* pode se comportar como um foco: não há relação com nenhum constituinte interno à oração, sendo, portanto, em exemplos desse tipo, uma “unidade à parte”, como consta na descrição da maioria dos gramáticos tradicionais, citados no capítulo I³⁴.

3.2.3.3.1. Os diferentes tipos de construções de tópico/ deslocamento

Givón (1976, 1979a, 1979b *apud* Duarte, 1987) observa que em uma língua com proeminência de sujeito, o tópico ocorre maioritariamente “gramaticalizado” como sujeito, prevê-se que ele ocorra integrado na estrutura gramatical como dependente semântico (= temático) do predicado e exiba propriedades de codificação morfológica (por exemplo, caso morfológico) e/ou sintáctica (por exemplo, controle da concordância verbal). Dito de outra forma, é esperado que, nas construções não-marcadas deste tipo de línguas, o sujeito seja também o tópico³⁵.

É usual chamar as construções com essa propriedade de construções de tópicos não marcados. São exemplos dessas construções:

(22) (a) O João tirou a rolha da garrafa.

↓

Ag/ Top/ Suj

(b) O João adora a Maria.

↓

Exp/ Top/ Suj

(Exemplo (15) de Duarte, 1987:30)

Como se vê, nos exemplos acima, é o mesmo constituinte que “acumula” a relação gramatical de sujeito e de tópico.

³⁴ No capítulo I, questionamos se a maioria dos gramáticos tradicionais se baseou somente nesse tipo de exemplo ao fornecer suas descrições, já que consideramos que o *vocativo* é desligado do restante da oração. Provavelmente, eles não atentaram para as especificidades das estruturas em que o *vocativo* se realiza.

³⁵ Diz-se que, nesse tipo de língua, é predominante a construção frásica em que ‘sujeito lógico’, ‘psicológico’ e ‘gramatical’ coincidem.

Li & Thompson (1976, *apud* Duarte, 1987:30) observam que, neste tipo de línguas, ocorrem também construções de tópicos marcados. Como assinala Duarte (*op. cit.*), essa expressão tem sido utilizada para designar dois tipos de construções:

(i) o primeiro tipo são aquelas em que há co-referência entre o sujeito e o tópico. A autora cita como exemplo as construções que ela chama de Construções de Deslocação à esquerda de Tópico Pendente (DEPT)³⁶: *O João... ouvi dizer que ele tinha ido passar férias à Honolulu.* Nessa sentença, o pronome *ele* é co-referente do constituinte topicalizado *João*.

(ii) o segundo tipo de construções que tem sido denominado construções de tópico marcado são aquelas em que sujeito e tópico são constituintes distintos. Em tais construções, a estrutura sujeito-predicado não coincide com a estrutura tópico-comentário. É um constituinte distinto, mais ou menos associado a elementos internos à predicação e, ocupando uma posição externa à oração que tem a função textual de tópico frásico (Duarte, 1987: p.72). Em (23), temos um exemplo desse tipo de construção:

(23) Aos pais, o João nunca contou essa história.

↓ ↓
Top Ag/ Suj.

(Exemplo 17 (b) de Duarte, 1987: 30)

Duarte (1987:69) fornece uma caracterização geral de construções de tópicos marcados existentes no Português. A autora distingue quatro construções de tópicos marcados em uma escala ascendente de sintatização: a construção de Tópico Pendente (TP): “*Quanto ao debate de ontem á noite, é forçoso reconhecer que há políticos que falam sobre um país que não conhecem.*”; a construção Deslocação à esquerda de Tópico Pendente (DEPT): “*A Maria ... encontrei ontem aquele amigo dela que faz cinema.*”; a construção Deslocação à esquerda Clítica (DEC): “*(...) os gerentes, trata-os como se fossem míseros contínuos.*” e a construção de Topicalização (= TOP): “*Piscina, não sabia que tinha (-)*”.

³⁶ Mais adiante, forneceremos mais detalhes sobre esse tipo de construção.

É indicada, ainda, a existência de uma quinta construção de tópicos marcados disponível no Português Brasileiro, mas inexistente no Português Europeu. Esse tipo de construção é ilustrado pelo exemplo de Pontes (1986, *apud* Duarte, 1987): *Esse rádio, estragou o ponteiro.*

Consideremos algumas propriedades de algumas das construções de tópico marcados enumeradas por Duarte (*op. cit.*).

Sobre o tipo de construção que Duarte chama de Topicalização (= TOP): nessas construções, é exatamente o constituinte topicalizado que fixa o valor da categoria vazia deixada na frase interpretada como comentário. Como diz a autora, a categoria vazia presente na posição da qual o constituinte se moveu é interpretada obrigatoriamente como co-referente da expressão com a função textual de tópico. No exemplo acima, é *piscina* que estabelece o valor da categoria vazia na posição de objeto do verbo *tinha*.

É interessante observar, no que diz respeito à construção de Deslocação à Esquerda Clítica (DEC), que o elemento conectado com essa última tem sempre função de objeto, já que deve ser, obrigatoriamente, um clítico.

Segundo Duarte (*op. cit.*), a existência de conectividade referencial nas construções de Deslocação à Esquerda Clítica (DEC) e Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente (DEPT) acarreta uma outra propriedade: conectividade quanto aos traços sintáticos de concordância dos termos co-referentes. Assim, no exemplo de Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente (DEPT) exposto, tanto *Maria* como *dela* se caracterizam pelos traços [+ fem, + sing, + 3ª]. Observe-se que não há, no entanto, conectividade casual entre os elementos co-referentes.

3.2.3.3.2. Uma comparação entre construções de tópico/ deslocamento e construções com *vocativo*

Como observamos, determinadas construções com *vocativo* que compõem o *corpus* deste trabalho se comportam, sintaticamente, à semelhança de construções de tópico ou como construções de deslocamento. Nesses exemplos, há participação do *vocativo* no evento, havendo retomada do constituinte deslocado ou topicalizado, o que se dá através de anáfora (ou da catáfora).

Ao que parece, a diferença entre a construção com *vocativo* e a construção de tópico típica é, antes de tudo, uma diferença entre tipos de discurso³⁷. Veja-se que, na construção com *vocativo*, o discurso é direto. Em (24), retomamos o exemplo expresso em (18):

(24) *Carlos*, tratemos da promessa que *te* fiz.

(Martins Pena, 1956: 314)

Já na construção de tópico típica, o discurso é indireto. Comparem-se:

(25) Ao Carlos tratemos da promessa que lhe fiz.

Ao Carlos tratemos da promessa que fiz a ele.

O Carlos, tratemos da promessa que fiz (a ele).

Veja-se que, no discurso direto, fica difícil ter um tópico quando comparamos com sentenças típicas *Ao Carlos, perguntaram-lhe várias questões?*, como nos exemplos de Deslocamento à Esquerda Clítica (= DEC), na análise de Duarte (1987). No Português Europeu, é aceitável essa sentença em uma conversa com o próprio *Carlos*. Já no Português Brasileiro, é aceitável somente o discurso direto: *Ó Carlos, perguntaram-lhe várias questões?*

A seguir, comparamos exemplos de construções contendo *vocativo* com os tipos de construções de tópicos marcados listados por Duarte (1987):

TP

(26) Filha, a resignação é uma grande virtude.

(S. Resende, 1870 (*manuscrito*))

DEPT

(27) Mamãe, você pensa que parede tem roda?³⁸

(Mauro Rasi, 1995: 85)

³⁷ Agradeço à Prof.^a Jânia Ramos por esta observação.

³⁸ Assim, como na construção DEPT de Duarte (op cit), no exemplo acima, o *vocativo* *mamãe* é co-referente do sujeito *você*.

DEC

(28) Poderia eu desobedecer-vos, senhora!³⁹

(Gonçalves Dias, 1868: 231)

TOP

(29) João Pires, porque não convidou o Sr. Padre?⁴⁰

(S. Resende, 1870 (*manuscrito*))

As construções exemplificadas pelas frases de (26) a (29) são analisadas como estrutura tópico-comentário e, em todas elas, tal estrutura não é homóloga da estrutura sujeito-predicado. Já o fragmento interpretado como comentário, é analisado como estrutura sujeito-predicado e, é um constituinte distinto, em posição periférica à esquerda, que tem função de tópico.

A construção denominada por Duarte (1987) de Tópico Pendente (TP) é a construção de tópicos marcados que exhibe o grau menor de sintatização: não existe, nesses exemplos, qualquer lacuna (como no exemplo (26)) ou elemento pronominal ocorrendo no comentário (como nos exemplos (27) e (28)) que seja referencialmente dependente do constituinte com a noção de tópico. Ou seja, nenhuma categoria vazia ou pronome pertencente à frase interpretada como comentário estão conectados com a expressão a que é atribuída a função de tópico. Observe-se que o exemplo (26) corresponde ao tipo de construção de tópico que exhibe menor grau de sintatização.

Para facilitar o tratamento do *vocativo*, no presente trabalho, optamos por simplificar a caracterização de construções de tópico feita por Duarte, de modo que as construções correspondentes a DEPT e a DEC foram agrupadas, já que ambas se referem a construções de deslocamento à esquerda. Caracterizamos, então, as construções contendo *vocativo* do seguinte modo: (i) construções de *vocativo* à

³⁹ Do mesmo modo que na DEC de Duarte, o pronome *vos* - que figura na posição de objeto - é co-referente do *vocativo* expresso por *senhora*.

⁴⁰ Na construção de topicalização (= TOP), de Duarte (op. cit.), o constituinte topicalizado não é co-referente do sujeito, mas do objeto. Não obstante, observa-se no nosso *corpus* a recorrência de construções contendo *vocativo* à semelhança de construções de topicalização em que o constituinte topicalizado é co-referente do sujeito. Creio que esta diferença reside no fato de os exemplos de Duarte serem do Português Europeu. Desse modo, na minha categorização de tipos de *vocativo*, que será apresentada a seguir, aqueles que se comportam como constituintes topicalizados, podem tanto serem co-referentes do objeto da oração, quanto do sujeito desta.

semelhança de tópico, são construções correspondentes à TOP de Duarte; (ii) construções de *vocativo* à semelhança de deslocamento à esquerda, são construções correspondentes à DEPT e a DEC e, (iii) construções de *vocativo* à semelhança de foco são correspondentes à TP⁴¹.

A nossa constatação de que o *vocativo* pode se comportar sintaticamente à semelhança do tópico, deslocamento ou foco é de grande valia no estudo do *vocativo* uma vez que traz a evidência de que o *vocativo* pode se relacionar com outros termos da oração, a saber, o sujeito e o objeto.

3.2.3.4. Natureza do material que compõe o vocativo

Com base nos dados do *corpus* deste trabalho, estipulamos os seguintes tipos de *vocativos* quanto à natureza do material que os compõem:

A) Expressão nominal de tratamento⁴²

(30) Não fallemos nisso, senhor!

(Gonçalves Dias, 1868:202)

É importante lembrar que na nossa amostra encontramos 16 ocorrências da expressão nominal de tratamento *senhor/senhora* antecedido da partícula *sim/ não*, como nos exemplos que se seguem:

(31) Sim senhor, mas que tenho eu a temer?

(Martins Pena, 1956: 303)

(32) Não, senhor; para que lhe assignem um posto perigoso...

(Gonçalves Dias, 1868: 161)

⁴¹ A partir da caracterização e exemplos da construção denominada por Duarte como construção de Topicalização (TOP), observei que ela se refere ao que é usualmente chamado de foco.

⁴² Consideramos aqui o item “senhor” como “expressão nominal de tratamento” e não como pronome, uma vez que tal item, de fato, não é ainda um pronome. De acordo com a Prof^a Jânia Ramos (comunicação pessoal), há várias razões para esta descrição do item: o fato de ora vir com artigo, ora vir sem artigo seria uma dessas razões. Comparando com “a gente”, podemos ver claramente a diferença: “a gente” é um pronome e vem sempre precedido de “a”, que não aceita mais ser descrito como artigo por ter perdido sua capacidade de indicar o traço [+ definido] do nome.

Essas estruturas, como *vocativos*, têm em sua composição uma expressão nominal de tratamento (*senhor, senhora*) e vêm separadas por vírgula do restante da oração, como no exemplo (31) ou, ainda, separadas por vírgula do pronome e do restante da oração, como no exemplo em (32).

Esse tipo de estrutura foi encontrado também por Oliveira (1996) e por Alkmim (2001).

Oliveira (op. cit), em trabalho sobre as construções assertivas, mostra, com base em dados extraídos de peças de teatro, que no século XIX, a partícula imperativa *sim* é usada para emitir assentimento às expressões de comando e é quase sempre seguida da expressão nominal de tratamento *senhor*. Um exemplo fornecido pela autora é o que se segue:

(33)

A – Deixe-o no quartel do Campo de Santana e vá levar esta parte ao general.

B – Sim senhor.

(Exemplo (31) de Oliveira (1996: 91))

Na investigação das negativas sentenciais no Dialeto Mineiro, Alkmim (2001) encontra também em seu *corpus*, grande número de ocorrências de *não* junto ao *vocativo senhor*. Em (34), temos um exemplo citado por ela:

(34) E não é só isso, não, senhor.

(Exemplo (194) de Alkmin (2001:236))

B) Nome próprio

(35) Ah! Tancredo! Não se é infeliz quando se é amado assim.

(S. Resende, 1870 (*manuscrito*))

C) Parentesco

(36) Minha mãe, minha mãe! Como me é triste a vida!

(Luiz de Oliveira, 1977:11)

D) Profissão

(37) Mas diga-me Sr. Porteiro, qual foi o seu procedimento n'essa cruzada de valientes?

(Modesto de Paiva, 1897 (*manuscrito*))

E) Epíteto – palavra ou frase que qualifica algo ou alguém. Geralmente, trata-se de xingamentos ou palavras carinhosas.

(38) Larga a boneca da sua irmã. Seu palhaço!

(Mauro Rasi, 1995: 23)

F) Apelido

(39) Paco, uma vez na vida você podia fazer uma coisa descente.

(Plínio Marcos, 1978:51)

Como vimos no capítulo I, Alkmin (2004), observa uma incoerência no tratamento que tem sido dispensado ao *vocativo*: apesar de esse sintagma estar presente dentre os termos considerados para uma análise sintática das estruturas presentes nas orações da língua, é considerado por muitos gramáticos tradicionais como “uma unidade à parte”.

Considerando-se essa incoerência, a autora sugere a descrição do *vocativo* sob o ponto de vista da sintaxe, listando os fatos sintáticos que devem ser descritos. Um desses fatos sintáticos diz respeito à “observação dos constituintes que correspondem ao *vocativo*”.

A análise deste fator, portanto, faz-se importante exatamente pelo fato de, conforme mostramos, a seqüência que aparece como *vocativo* pode ser descrita, por exemplo, como um caso de deslocamento à esquerda.

3.2.3.5. Descrição da estrutura sintática do material que compõe o vocativo

Esse fator foi selecionado tendo em vista sua relevância para avaliar a possibilidade de movimento do sintagma nominal (que corresponde ao *vocativo*). Foram consideradas para a análise desse fator as seguintes possibilidades:

A) SN Simples: considere aqui um determinante do tipo ‘este’, ‘o’, ‘um’, ‘meu’ e um nome ou apenas um nome.

(40) Vê se me esquece, Paco.

(Plínio Marcos, 1978:14)

B) SN Complexo: os SNs compostos por mais de um nome ou por dois determinantes e um ou mais nomes.

(41) Basta de humilhações, senhor conde de Villa Flor!

(A. Werneck, 1900:102)

Ouhalla (1994) descreve uma regra transformacional chamada ‘extraposição’ que move um XP para o lado direito do VP⁴³. Quando essa regra se aplica ao movimento de NP’s, é chamada de Heavy NP Shift (Deslocamento de NP pesado), uma vez que a regra se aplica somente a NP’s pesados⁴⁴. Para explicar a regra, o autor cita o seguinte exemplo:

(42) Mary [VP returned [NP all the books she had borrowed]][PP to the library].

Mary [VP returned [PP to the library] [NP all the books she had borrowed]].

(Exemplos (129 b) e (130 b) de Ouhalla (1994:84-85))

No exemplo acima, o NP *all the books she had borrowed*, complemento do verbo *return*, é movido para uma posição à direita da sentença.

Considerando a regra “Heavy NP Shift”, descrita por Ouhalla, poderíamos pensar que NP’s pesados tendem a se situarem à direita da oração. Mas como veremos, no capítulo V, quando temos a construção [Or + Voc] , não há movimento do *vocativo*; o que se movimenta é a oração para uma posição à esquerda e, este constituinte fica *in situ* (à direita). A nossa expectativa é, portanto, a de que *vocativos* correspondentes a NP’s pesados sejam mais recorrentes nas sentenças do nosso *corpus* quando à direita da oração.

⁴³ De acordo com o autor, a extraposição difere dos outros movimentos transformacionais por se tratar de um movimento para à direita.

⁴⁴ A palavra “heavy”, assim, é entendida como vários constituintes. O autor explica que o NP *book*, por exemplo, não é pesado e, por isso não está sujeito à regra transformacional Heavy NP Shift.

Uma vez que SN's simples são mais propensos a operações de movimento, por serem NP's leves, o esperado é que estes favoreçam a ordem [Voc + Or], pois, nesse caso, como veremos também no capítulo V, postulamos que é o *vocativo* que se move para uma posição à esquerda da sentença.

II – Fator Externo

3.2.3.6. Tempo

Obviamente, esse fator tem grande importância na análise, uma vez que este estudo é de natureza diacrônica. Os dados serão analisados, comparativamente, em quatro períodos de tempo: primeira metade do século XIX, segunda do século XIX, primeira metade do século XX e segunda metade do século XX.

Pretendemos, assim, obter um recorte de tempo capaz de captar uma possível mudança lingüística envolvendo a posição do *vocativo* na oração no Português Brasileiro.

3.3. Tratamento Quantitativo dos dados

Para a análise quantitativa dos dados, foi utilizado o programa Goldvarb 2001, versão do pacote Varbrul para o ambiente Windows. Trata-se de um programa de análise estatística que lida com regras variáveis. É através da regra variável estabelecida por cálculos estatísticos pelo próprio programa que são extraídas regularidades e tendências dos dados.

Depois de exposta a seleção da amostra, a constituição do *corpus*, de elencar o grupo dos possíveis fatores condicionadores da forma inovadora e de explicar a metodologia da análise quantitativa utilizada, passemos, no próximo capítulo, à análise quantitativa dos dados.

CAPÍTULO IV

A análise variacionista

O presente capítulo apresenta os resultados da análise quantitativa a que foram submetidos os dados da amostra selecionada para este estudo.

Na seção 4.1, apresentamos a nossa análise com o objetivo de descrever as construções contendo *vocativo* nos séculos XIX (1ª e 2ª metades) e XX (1ª e 2ª metades) e verificar se houve mudança nesse recorte de tempo. Na seção 4.2, será estudado o perfil de mudança que identificamos no presente trabalho. A seção 4.3 apresenta as conclusões deste capítulo. Na seção 4.4, temos o resumo do capítulo.

4.1. As Variantes da Variável Dependente nas Peças de Teatro dos séculos XIX e XX

O total de construções contendo *vocativo* levantadas a partir da nossa amostra foi de 1673. Cabe, aqui, assinalar, no entanto, que 253 dessas construções não foram computadas nesta dissertação, uma vez que são estruturas com elipse de verbo⁴⁵. É exemplo desse tipo de construção:

(43) A vossa benção, meu pai.

(Gonçalves Dias, 1868: 173)

(44) Benhê, cafezinho.

(Mauro Rasi, 1995:14)

Alguns desses exemplos remetem ao fato de o *vocativo* poder estar separado da oração por mudança de interlocutor, sem que isso produza impressão nítida de interrupção, como mostra Perini (1999:91):

⁴⁵ Estas ocorrências de *vocativo* serão objeto de pesquisa futura.

(45) “Serginho!

- O quê?

- A bandeira está no chão.”

(Exemplo 123 de Perini, 1995: 91).

É exemplo desse tipo de construção extraído do *corpus*:

(46) Ambrósio: É cedo (*olhando o relógio*). São nove horas, e o Ofício de Ramos principia às dez e meia.

Florência: É preciso ir mais cedo para tomarmos lugar.

Ambrósio: Para tudo há tempo. Ora, dize-me, minha bela Florência...

Florência: *O que, meu Ambrosinho?*

Ambrósio: O que pensa tua filha do nosso projecto?

(Martins Pena, 1956: 293)

No *corpus* analisado, computamos, portanto, um total de 1420 estruturas contendo *vocativo*, como mostra a Tabela 1, a seguir:

Tabela 1
Distribuição das ocorrências de vocativo no corpus analisado

Estrutura	Nº de Ocorrências	Porcentagem
[Or + Voc + Or]	133	9 %
[Voc + Or]	511	36 %
[Or+ Voc]	776	55 %
Total	1420	100 %

Considerando as porcentagens acima apresentadas, verifica-se que a modalidade [Or + Voc] se apresenta mais freqüente (55%), em relação às duas outras modalidades [Voc + Or] e [Or + Voc + Or], que representaram, respectivamente, 36% e 9%.

Ao considerar a baixa freqüência da ordem [Or + Voc + Or], optamos por descartar esses enunciados, no que se refere a análise quantitativa realizada neste estudo, já que esta é feita a partir de uma variável binária.

4.1.1. A Variável Independente Externa

No *corpus* do presente trabalho, foi observada apenas um fator externo, o tempo. Como era de se esperar, este fator foi selecionado como significativo pelo programa estatístico.

O trabalho com tal fator visa a comprovar ou não a hipótese de que há um perfil de *mudança* envolvendo a posição de colocação do *vocativo* na oração.

A distribuição das estruturas com *vocativo* do referido *corpus* em relação ao período de tempo em que foram escritas são apresentadas na próxima seção, correspondendo T1 à 1ª metade do século XIX, T2 à 2ª metade do século XIX, T3 à 1ª metade do século XX e T4 à 2ª metade do século XX.

4.1.1.1. Análise do uso das Variantes da Variável Dependente de acordo com o tempo

A distribuição das ocorrências de *vocativo*, em relação ao período de tempo em que foram escritas, pode ser visualizada na Tabela 2, a seguir:

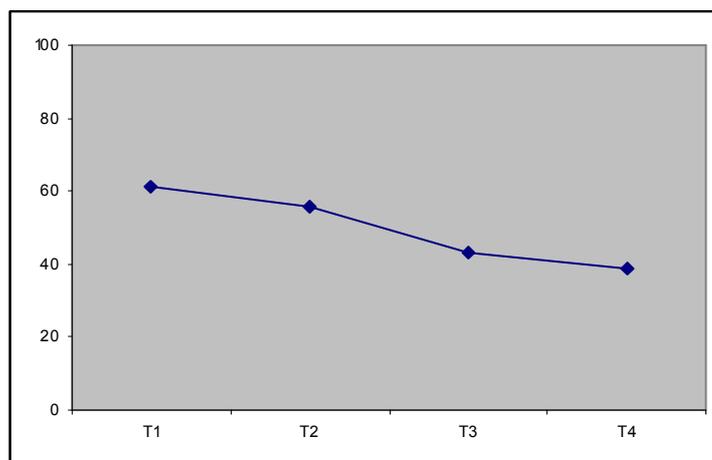
Tabela 2
Taxa de uso das ocorrências de vocativo em função do tempo

Estruturas	T1			T2			T3			T4			Total
	Nº	%	PR										
[Voc + Or]	160	43	.61	114	46	.56	131	35	.43	106	36	.39	511
[Or + Voc]	209	57	.38	133	54	.43	245	65	.57	189	64	.60	776
Total	369	100	-	247	100	-	376	100	-	295	100	-	1287

A comparação dos resultados mostra perfis diferentes entre as *variantes*, o que sugere estar havendo competição entre as construções com *vocativo* em todos os períodos de tempo analisados.

O gráfico 1, a seguir, lança mão dos pesos relativos e mostra o perfil da construção [Voc + Or] em função do tempo:

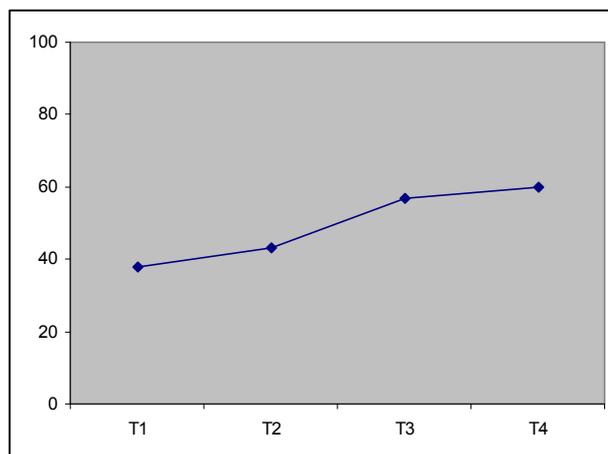
Gráfico 1
Efeito do fator tempo sobre o uso da construção [Voc + Or]



O gráfico mostra que a ordem [Voc + Or], que ocorre com mais frequência em T1 (1ª metade do século XIX), descende gradativamente ao longo do tempo.

Vejamos o perfil apresentado pela construção [Or + Voc] no gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2
Efeito do fator tempo sobre o uso da construção [Or + Voc]



A ordem [Or + Voc], no entanto, apresenta perfil ascendente, com maior índice de ocorrência em T4 (2ª metade do século XX). Observe-se que esse perfil mostra uma

curva em *S*, sendo, portanto, indicativo de *mudança lingüística*. Por essa razão, daqui em diante, a construção [Or + Voc] será denominada de ordem inovadora⁴⁶.

Observe-se que a preferência começa a acontecer na 2ª metade do século XIX, quando o índice de ocorrência dessa construção mudou de .43, na 2ª metade do século XIX, para .57 na 1ª metade do século XX.

Uma vez diagnosticado o perfil apresentado pela ordem inovadora, pretendemos verificar se a Hipótese da Proporção Constante (Kroch, 1989), descrita no capítulo II, pode ser aplicada em nossa análise. Mais a frente, retomaremos essa hipótese.

4.1.1.2. Resultados da análise quantitativa realizada

Os dados analisados permitem as seguintes avaliações:

- 1) Foi constatada uma preferência pelo uso da ordem [Or + Voc] em relação às outras do *corpus*.
- 2) Foi identificado, para a ordem inovadora, um perfil característico de *mudança lingüística* que é indicado por uma curva em *S*.
- 3) Essa preferência começa a acontecer na 2ª metade do século XIX, quando o índice de ocorrência dessa construção mudou de .43, na 2ª metade do século XIX, para .57 na 1ª metade do século XX.

4.1.2. A variável independente interna

Uma vez verificado que está havendo um perfil de mudança com relação à posição de colocação do *vocativo* na sentença, é importante observar as variáveis lingüísticas que estariam levando a mudança à frente. Foram investigadas as seguintes variáveis: (i) contexto em que está inserido o *vocativo*, (ii) modo verbal, (iii) papel do *vocativo*, (iv) natureza do material que compõe o *vocativo* (v) e descrição sintática do material *vocativo*.

Foram selecionados pelo programa Goldvarb 2001 como estatisticamente relevantes, com relação à ordem inovadora, os seguintes grupos de fatores:

⁴⁶ O termo “inovadora”, referente à ordem [Or + Voc], foi empregado no sentido de que esta foi substituindo a ordem [Voc + Or] ao longo do tempo. Do mesmo modo que rotulamos a ordem [Or + Voc] de “inovadora”, podemos rotular a modalidade concorrente desta, [Voc + Or], de ordem “conservadora”.

1. Contexto em que está inserido o *vocativo*,
2. Natureza do material que compõe o *vocativo*
3. O papel do *vocativo*.
4. Descrição sintática do material *vocativo*.

Passemos agora à análise dos fatores internos selecionados pelo programa estatístico.

4.1. 2.1. Contexto em que está inserido o *vocativo*

O primeiro grupo de fatores selecionado foi o ‘contexto em que está inserido o *vocativo*’: se período simples, período composto por coordenação (orações não-encaixadas) ou período composto por subordinação (orações encaixadas).

A tabela 3, a seguir, apresenta os resultados com relação a esse grupo de fatores:

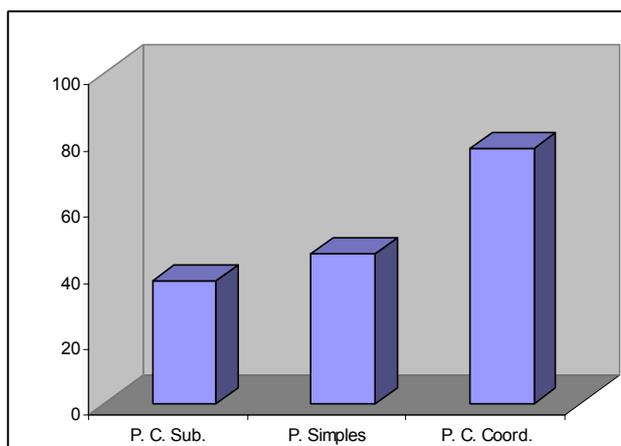
Tabela 3
Taxa de uso da construção [Or + Voc] em função do contexto

Fatores	Nº de Ocorrências/ Total	Porcentagem	Pesos Relativos
P. C. Sub.	123/ 256	48 %	.37
P. Simples	459/ 795	57%	.45
P. C. Coord	193/ 236	81%	.77

Observe-se que o contexto Período Composto por Coordenação favorece a ocorrência da construção [Or+ Voc] com peso relativo de .77 (orações não-encaixadas).

O gráfico 3, a seguir, apresenta o efeito do contexto em que está inserido o *vocativo* sobre o uso da ordem inovadora, com base nos pesos relativos:

Gráfico 3
Efeito do fator contexto sobre o uso da construção [Or + Voc]



De acordo com o gráfico acima, no contexto Período Composto por Coordenação, ou seja, em orações não-encaixadas há maior ocorrência da construção [Voc + Or], que apresenta peso relativo .77. Podemos dizer que este resultado está de acordo com a afirmação de Lightfoot (1991, 1999) de que as mudanças ocorrem primeiro nas orações principais e absolutas, atingindo em seguida, as orações encaixadas.

4.1.2.2. Natureza do material que compõe o *vocativo*

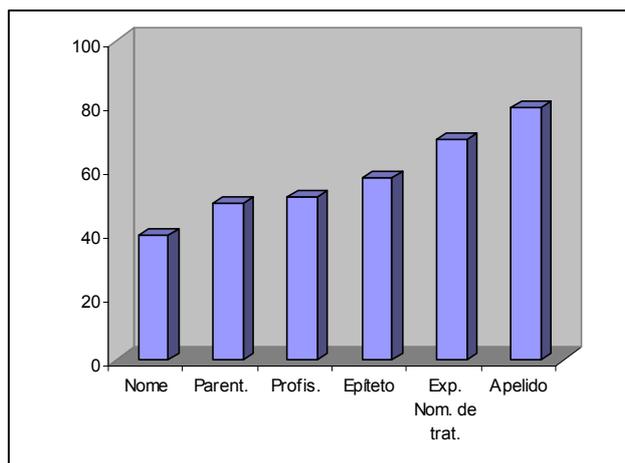
O segundo grupo de fatores selecionado pelo programa foi a natureza do material que compõe o *vocativo*. Esse fator é dividido em: nome próprio, expressão nominal de tratamento, parentesco, epíteto, profissão e apelido. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 4:

Tabela 4
Taxa de uso da construção [Or + Voc] em função da natureza do material que compõe o vocativo

Fatores	Nº de Ocorrências/ Total	Porcentagem	Pesos Relativos
Nome próprio	356/ 665	53%	.39
Parentesco	97/ 164	59%	.49
Profissional	30/ 49	61%	.51
Epíteto	83/ 117	70%	.57
Expr. nom. de trat.	204/285	71%	.69
Apelido	6/ 7	85%	.79

O gráfico 4, a seguir, mostra o perfil da ordem inovadora com relação a natureza da material que compõe o *vocativo*, com base nos pesos relativos:

Gráfico 4
Efeito da natureza do material que compõe o vocativo
sobre o uso da construção [Or + Voc]



Destaca-se o peso relativo consideravelmente alto da construção [Or + Voc] quando o *vocativo* corresponde a um apelido (.79), a uma expressão nominal de tratamento (.69) e, quando se trata de epíteto (.57).

Todavia, observamos o baixo número de ocorrências de apelidos no total do *corpus*: há apenas 7 construções em que o *vocativo* corresponde a um apelido, as quais se encontram na peça de teatro *Dois perdidos numa noite suja* de Plínio Marcos, peça em que observamos uma linguagem bem coloquial. É concebível, portanto, que consideremos, como o fator que mais favorece a realização desse tipo de construção, as ocorrências de *vocativo* como expressão nominal de tratamento, fator esse que apresenta um peso relativo de .69.

4.1.2.3. O papel do vocativo

Outro grupo de fatores considerado como relevante é o ‘papel do *vocativo*’: verificamos que o *vocativo* pode se comportar sintaticamente como tópico da sentença, como um constituinte deslocado ou a um constituinte focalizado, como nos exemplos que serão expostos novamente:

- Vocativo como tópico

(47) João Pires, porque não convidou o Sr. Padre?

(S. Resende, 1870 (*manuscrito*))

- Vocativo como constituinte deslocado

(48) Mamãe, você pensa que parede tem roda?

(Mauro Rasi, 1995: 85)

- Vocativo como foco

(49) Filha, a resignação é uma grande virtude.

(S. Resende, 1870 (*manuscrito*))

Os resultados podem ser visualizados na Tabela 5, a seguir:

Tabela 5
Taxa da construção [Or + Voc] em função do papel do vocativo

Fatores	Nº de Ocorrências/ Total	Porcentagem	Pesos Relativos
Foco	239/ 434	55%	.42
Deslocamento	218/ 358	60%	.49
Tópico	319/ 495	64%	.56

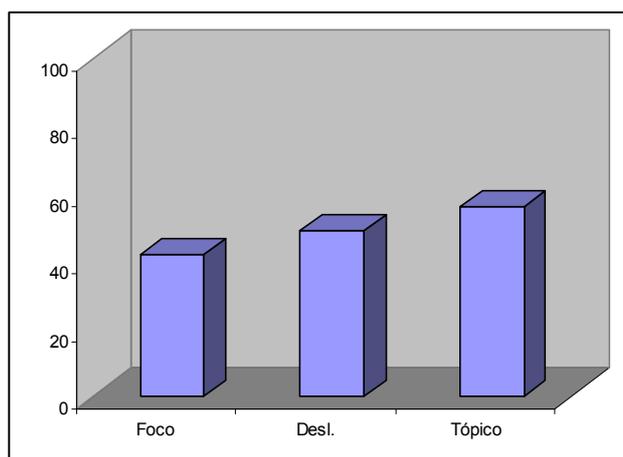
De acordo com a tabela acima, há maior probabilidade de ocorrência da construção [Or + Voc] quando o *vocativo* corresponde a um sintagma topicalizado que apresenta peso relativo de .56.

Observamos que, no total do *corpus*, o número de deslocamentos (358 ocorrências) - casos em que há retomada de sujeito ou de objeto -, é menor do que o número correspondente à topicalização (495 ocorrências), que concerne ao movimento de um constituinte o que resulta em uma variável, ou seja, categoria vazia deixada na posição de base do constituinte que se moveu. Podemos questionar o porquê de haver mais casos de topicalização do que de deslocamento no *corpus* do presente trabalho.

Apesar de o nosso *corpus* retratar a modalidade escrita da língua, é composto por um gênero textual em que é evidenciada uma linguagem menos cuidada. É sabido que diálogos de peças de teatro tendem a ser uma representação da fala da personagem, sendo concebível, portanto, que exemplos de topicalização sejam mais recorrentes do que exemplos de deslocamento. A ocorrência de retomada de um constituinte que fora movido apenas se daria em textos em que se faz uso de uma linguagem mais elaborada, o que não é o caso dos textos das peças teatrais.

O Gráfico 5 mostra a taxa de uso da construção [Or + Voc] em função do papel desempenhado pelo *vocativo*, com base nos pesos relativos:

Gráfico 5
Efeito do papel do vocativo sobre o uso da construção [Or + Voc]



É curioso observar que quando o *vocativo* faz parte do evento, no caso de corresponder a um sintagma topicalizado ou um sintagma deslocado de sua posição de base, há maior índice de ocorrência da ordem inovadora, construção [Or +Voc].

4.1.2.4. Descrição da estrutura sintática do material que compõe o *vocativo*

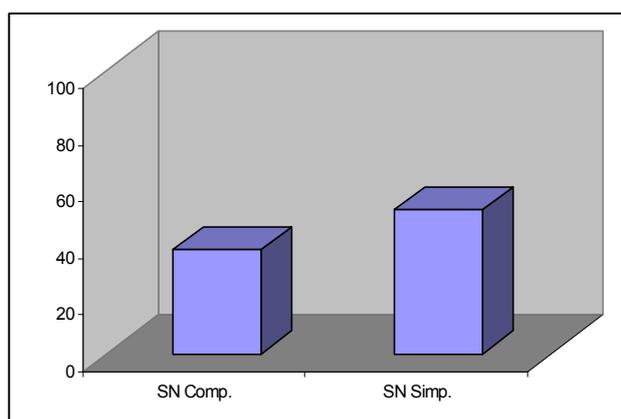
O quarto fator selecionado pelo programa é ‘descrição sintática do material *vocativo*’: se SN simples ou se SN complexo. Observe-se que a ordem [Or + Voc] é favorecida quando o *vocativo* é um SN simples (.51) e desfavorecida quando o *vocativo* é um SN complexo (.37). Os resultados estão expostos a seguir:

Tabela 6
Taxa de uso da construção [Or + Voc] em função da descrição sintática do material vocativo

Fatores	Nº de Ocorrências/ Total	Porcentagem	Pesos Relativos
SN Complexo	64/ 138	46 %	.37
SN Simples	712/ 1149	62%	.51

O gráfico 6 apresenta, com base nos pesos relativos, o efeito da descrição sintática do material *vocativo* em função da ordem inovadora no *corpus*.

Gráfico 6
Efeito do fator descrição da estrutura sintática do material que compõe o vocativo sobre o uso da construção [Or + Voc]



Esse resultado não está de acordo com a suposição feita anteriormente, uma vez que era esperado que o fator SN complexo (NP pesado) favorecesse a ordem inovadora devido à tendência do NP pesado de se estabelecer à direita da sentença, conforme assinalado por Ouhalla (1994) (ver capítulo III, seção 3.2.3.5). Mas, ao mesmo tempo, constitui uma evidência a favor de ser a ordem [Or + Voc] a modalidade inovadora. Mesmo os SN's simples estão preferencialmente na posição à direita da oração.

4.1.2.5. Resultados da análise das variáveis internas

Quanto à análise das variáveis internas, realizada nesta subseção, pode-se concluir que:

1) Os grupos de fatores selecionados como significativos pelo programa estatístico com relação à ordem inovadora são os seguintes: contexto em que está inserido o *vocativo*, natureza do material que compõe o *vocativo*, o papel do *vocativo* e descrição sintática do material *vocativo*. Com base na atuação desses fatores, podemos concluir que:

- a) o caráter inovador da ordem [Or + Voc] é confirmado pelo seu maior índice de ocorrência em Período Composto por Coordenação (orações não-encaixadas);
- b) há alto índice de ocorrência da ordem inovadora quando o *vocativo* corresponde a um apelido, quando é uma expressão nominal de tratamento e quando se trata de um epíteto.
- c) quando o *vocativo* faz parte do evento, no caso de corresponder a um sintagma topicalizado, a ordem inovadora é favorecida.
- d) há maior índice de ocorrência da ordem inovadora em construções em que o *vocativo* equivale a um SN simples.

4.2. Sobre o perfil de mudança identificado

A idéia de que a *mudança lingüística* segue uma curva em *S* ao longo do tempo é sugerida por Weinreich, Labov & Herzog (1968), por Bailey (1973), mais recentemente por Altman *et al* (1983). De acordo com essa idéia, a forma inovadora substitui a primeira, inicialmente, de forma devagar e, nos estágios médio e final, a substituição se dá de maneira acelerada, de modo que as formas conservadoras se tornam raras.

Kroch (1989), no entanto, considera que a curva em *S* apresenta um perfil ilusório, uma vez que reflete uma mudança no uso da língua (Língua-E) e não uma mudança na gramática (Língua-I).

Como vimos (no Capítulo II, seção 2.2.2), a *mudança lingüística* é concebida por Kroch (op. cit), como uma falha na transmissão de traços através do tempo. As crianças nem sempre adquirem a gramática alvo da língua a que elas estão expostas. Para o autor, a evidência disponível para a fixação de um dado parâmetro pode se tornar tão rara que alguns aprendizes podem ser expostos a dados não suficientes para fixá-lo

corretamente. O resultado será uma comunidade na qual alguns falantes tenham a fixação do parâmetro antiga e, outros, a nova.

Nessa perspectiva, uma vez que uma comunidade se torna diglósica com relação à fixação paramétrica, todo falante vai aprender ambos os parâmetros⁴⁷. Assim, a frequência com que certas formas são utilizadas é resultado da competição de gramáticas⁴⁸.

Provavelmente, a próxima geração de aprendizes será menos exposta a dados necessários para a fixação do parâmetro antiga. Efetiva-se, então, a mudança de uma gramática para outra, o que corresponde a uma reanálise gramatical abrupta⁴⁹. Um exemplo de mudança na gramática, citado por Kroch, é a do aparecimento do *do* perifrástico registrado por Ellegård (1953).

Kroch (1989), através de um modelo matemático proposto por ele, analisa mudanças que apresentam perfil de curva em *S* como característica de mudança na língua em uso. Segundo ele, os resultados a que se pode chegar, através da utilização da matemática como instrumento, podem ser usados para responder com precisão questões relativas à evolução da mudança no tempo. As equações propostas estão abaixo:

$$(50) p = \frac{e^{k+st}}{1 + e^{k+st}}$$

$$(51) \ln \frac{p}{1-p} = k+st$$

Na equação (51), vemos que a transformação logística da frequência é uma função linear no tempo. Nessa equação, *p* é a frequência da forma inovadora (pode variar entre 0 e 1); *t* é o tempo variável. *s* e *k* são constantes. A constante *s* é o desvio (*slope*) e representa a taxa de substituição da forma inovadora pela conservadora. Assim temos, (s

⁴⁷ De acordo com Kroch (2003), a escolha de qual critério de boa formação deva ser adotado não é questão para a teoria gramatical, pois é do domínio da *performance*.

⁴⁸ A noção de competição de gramáticas é formulada a partir da diglossia sintática ou do contato lingüístico (Ver capítulo II, seção 2.2.2)

⁴⁹ Para Kroch, a mudança sintática consiste em uma reanálise gramatical abrupta que ocorre quando uma nova geração de falantes adquire a língua. A mudança em outros níveis de estrutura, como quer que tenha sido causada, provoca uma reanálise gramatical.

= $p_n - p_{n-1}$, $n = 1, 2, 3, \dots, n-1$). k é o parâmetro de interseção, mede a frequência da forma inovadora no ponto de tempo fixo, $t = 0$.

Para um dado valor de s , a curva tem uma forma fixa. Mudando o ponto no tempo, teremos alteração no valor de k , que é obtido através da equação em (51) e pode variar entre $+\infty$ e $-\infty$ e p pode variar entre 0 e 1, mas não pode ser igual a 0 e 1. É acentuado, no entanto, que esse modelo apenas aproxima de dados reais.

Kroch observa, a partir da análise de várias *mudanças lingüísticas* que apresentam o perfil de curva em S , com a utilização do modelo matemático proposto, que quando uma forma gramatical é substituída por outra em competição em um conjunto de contextos lingüísticos, a taxa de substituição é a mesma em todos eles. Os contextos que favorecem a forma inovadora são, geralmente, diferentes para cada período de tempo. O próprio autor admite que este resultado é surpreendente, uma vez que era de se esperar que a mudança procedesse mais rápida em contextos em que a forma inovadora fosse mais comum.

Sendo assim, a razão da mudança em diferentes contextos superficiais reflete uma mesma mudança paramétrica. Esse resultado é conhecido como a Hipótese da Proporção Constante.

É visto que essa hipótese apresenta evidências de que a análise gramatical que define contextos de uma mudança é quase abstrata. Os contextos que mudam conjuntamente codividem uma estrutura sintática cuja existência pode somente ser produto de uma análise gramatical abstrata por parte dos falantes.

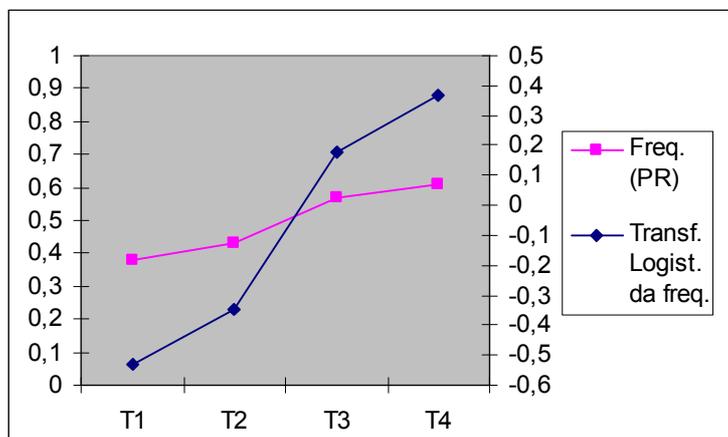
4.2.1. Da aplicação da Hipótese da Proporção Constante (Kroch, 1989)

Uma vez identificada, no presente trabalho, um perfil de curva em S , indicativo de mudança na língua em uso, verificaremos a possibilidade de aplicar o modelo matemático, proposto por Kroch (1989), aos nossos resultados. A partir da utilização desse modelo, é possível verificar se a mudança diagnosticada, neste trabalho, é resultado da competição de gramáticas e, por conseguinte, se está relacionada à mudança de um parâmetro no Português Brasileiro.

O Gráfico 7, a seguir, mostra o aumento da frequência da forma inovadora ao longo do tempo (com base nos pesos relativos), e, ainda, os resultados que obtivemos

através do cálculo da constante k , que mede a frequência da forma inovadora em cada período de tempo analisado⁵⁰. (Ver equação em (51)).

Gráfico 7
Aumento da estrutura [Or + Voc] no Português Brasileiro



O gráfico acima nos permite observar que a mudança no uso da língua, ou seja, a mudança de colocação do *vocativo* na sentença, ilustrada por um perfil de curva em S , leva a uma mudança no nível abstrato (gramática). Como se pode ver, a curva referente à transformação logística da frequência também exibe um perfil de curva em S .

Sendo assim, podemos dizer que a *mudança lingüística* – relativa à mudança na frequência de uso da construção [Or + Voc] - é resultado da competição de gramáticas.

De acordo com o gráfico (curva referente à transformação logística da frequência), o aumento da construção [Or + Voc] fica mais rápido no recorte de tempo que vai da segunda metade do século XIX (T2) até a primeira metade do século XX (T3). É nesse período que se dá a atuação (ou implementação) da forma inovadora.

Podemos observar o mesmo através da curva referente às frequências de uso da construção [Or + Voc]. Já havíamos observado que a preferência por esta construção começa a acontecer na segunda metade do século XIX, ao analisar os resultados referentes ao aumento da frequência de uso da construção [Or + Voc] (ver seção 4.1.1.1.)⁵¹.

Na primeira metade do século XX (T3), as duas curvas se encontram. Acredito que é nesse ponto que se dá a reanálise das construções contendo *vocativo*, processo que

⁵⁰ Obtive o valor de k através do cálculo da transformação logística da frequência (equação em (47)).

⁵¹ Note-se, ainda, que a mudança identificada aqui não está ainda completada.

ocorre, de acordo com Kroch, quando uma nova geração de falantes adquire a língua. Quando falamos em reanálise, temos por base a constatação de que a mudança no uso da língua, no que diz respeito ao fenômeno investigado neste trabalho, é refletida na gramática. Em outras palavras, a mudança sintática identificada na Língua-E - mudança no *output* dos adultos, isto é, na evidência disponível à criança em processo de aquisição da linguagem - leva à uma mudança na gramática da nova geração de falantes do Português Brasileiro (Língua-I)⁵².

A constatação de que há mudança de uma gramática para outra é indício de que a mudança, que identificamos no presente trabalho, está correlacionada à outra ou às outras, as quais estão correlacionadas à mudança de um parâmetro no Português Brasileiro. Como assinala Kroch, a mudança de um parâmetro pode forçar inúmeras reanálises diacrônicas simultâneas ou quase simultâneas manifestadas como mudanças sintáticas observáveis (não paramétricas)

4.2.1.1. Os efeito dos contextos favorecedores

Para verificarmos se a Hipótese da Proporção Constante se adequa aos nossos dados, resta-nos, ainda, investigar de que maneira se dá a atuação (ou implementação) da mudança *lingüística*. Então, o próximo passo será verificar se a proporção de substituição da construção [Or + Voc] é a mesma nos contextos favorecedores e, por extensão, se esses contextos favorecem tal ordem em períodos de tempo distintos⁵³.

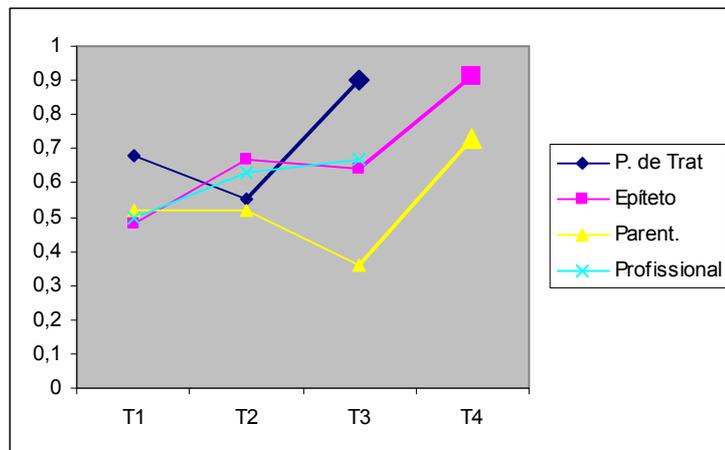
Para tal, foi necessário o cruzamento dos contextos lingüísticos favorecedores da construção [Or + Voc] com o fator externo tempo, utilizando-se o programa Goldvarb (2001), que forneceu a porcentagem de realização da ordem inovadora em contextos selecionados como significativos ao longo dos períodos de tempo considerados.

No gráfico 8, a seguir, podemos visualizar o efeito de alguns contextos favorecedores da construção [Or + Voc] em cada período de tempo analisado:

⁵² Essa constatação está de acordo com a afirmação de Kroch de que a mudança ocorre primeiro no *output* dos adultos, dados lingüísticos que funcionam como *imput* para a criança em processo de aquisição da linguagem. Essa mudança (no *output*) pode, então, acarretar uma mudança na gramática da nova geração de falantes (ver capítulo II, seção 2.2.2).

⁵³ Vale dizer que os contextos afetados não exibem uma propriedade superficial como uma palavra ou morfema.

Gráfico 8
Efeito dos fatores favorecedores da construção [Voc +Or] ao longo do tempo



Um aspecto que chama a atenção é a semelhança do perfil dos contextos favorecedores da construção [Or + Voc]. A partir de T2, o fator ‘expressão nominal de tratamento’ apresenta perfil ascendente e, a partir de T3, os fatores ‘parentesco’ e ‘epíteto’ seguem a mesma direção tomada pelo primeiro, traçando, assim, linhas paralelas⁵⁴.

A partir do gráfico, observe-se, ainda, que os contextos favorecedores da construção atuam em graus diferentes em cada período de tempo considerado. Os fatores ‘expressão nominal de tratamento’ e ‘vocativo profissional’, mais favorecem a ocorrência da construção [Or + Voc] na primeira metade do século XX (T3). Já os fatores ‘parentesco’ e ‘epíteto’, mais favorecem essa ordem na segunda metade do século XX (T4). Podemos, assim, falar de fatores favorecedores em cada período de tempo. É sabido que a não coincidência dos efeitos dos fatores em todos os períodos de tempo não influencia na taxa de espriamento da forma inovadora.

Concluimos, portanto, que apesar da frequência de uso da forma inovadora ser diferente para cada contexto, a taxa de substituição desta é a mesma em todos eles. A partir dos cálculos, verificamos que o valor da taxa de substituição (*slope*) da construção [Or + Voc] em todos os contextos é de 0,07⁵⁵.

⁵⁴ Até a primeira metade do século XX, o contexto ‘vocativo profissional’ apresenta perfil semelhante aos dos outros. Nesse período de tempo, temos o encontro desse fator com o fator ‘epíteto’. Como não há sentenças com em que o *vocativo* é profissional na segunda metade do século XX (T4), a atuação deste fator vai até a primeira metade do século XX (T3).

⁵⁵ Fizemos esta observação com base na análise feita por Kroch (1989) dos dados de Oliveira e Silva (1982) que desenvolve um estudo sobre o aparecimento de artigo definido em NPs possessivos no Português. A taxa de substituição da forma inovadora ‘artigo definido antes de possessivo’ em contextos favorecedores desta, tal qual evidenciamos neste trabalho, é muito próxima de de 0 ($s = 1.0$).

Em suma, podemos considerar que não há mudança nos efeitos dos fatores ao longo do tempo. Evidenciamos, portanto, que a taxa ou proporção de substituição da forma inovadora é constante, isto é, o aumento no uso da construção [Or + Voc] se dá na mesma proporção em todos os contextos. Desenvolvemos, assim, evidência quantitativa a favor da Hipótese da Proporção Constante (Kroch (1989)).

4.2.2. Recapitulando os resultados

Constatamos que a taxa de substituição da construção [Or + Voc] é a mesma em todos os contextos morfossintáticos considerados e, ainda, que os contextos favorecedores atuam diferentemente em cada período de tempo, em acordo com a Hipótese da Proporção Constante.

Ao levar em conta essa hipótese, admitimos que a razão da mudança em diferentes contextos superficiais reflete uma mesma mudança paramétrica, de modo que um único parâmetro gramatical é envolvido na mudança. Atesta-se que a mudança paramétrica pode forçar inúmeras reanálises diacrônicas simultâneas ou quase simultâneas manifestadas com mudanças sintáticas observáveis (não paramétricas), as quais podem estar envolvidas na mudança de um único parâmetro. É por esta razão que esta hipótese pode também ser utilizada quando se analisa diferentes mudanças. De acordo com Kroch (1989), as taxas de fenômenos distintos podem ser muito próximas uma da outra.

Acreditamos, portanto, que a mudança sintática diagnosticada aqui esteja correlacionada à outra (ou às outras), as quais estão também correlacionadas à mudança de um parâmetro no Português Brasileiro.

4.3. Resumo do capítulo

Neste capítulo, obtivemos os seguintes resultados:

1. Foi identificado, para a construção [Or + Voc], um perfil característico de mudança na língua em uso que é evidenciado por uma curva em *S*.
2. Os dados permitiram, ainda, sugerir, que a *implementação* dessa mudança se deu na segunda metade do século XX, quando os resultados passaram de .43 para .57.

3. A mudança é favorecida pelos seguintes fatores internos: contexto em que está inserido o *vocativo*, natureza do material que compõe o *vocativo*, participação do *vocativo* no evento, descrição sintática do material *vocativo*.

4. Verificamos, através da aplicação do modelo matemático proposto por Kroch (1989), que a mudança na frequência de uso da construção [Or + Voc] é resultado da competição de gramáticas.

5. Constatamos que a competição de gramáticas resultou em uma mudança na Língua – I. Em outras palavras, houve a mudança de uma gramática para outra (ainda não completada), visto que a curva referente à transformação logística da frequência também exhibe perfil indicativo de mudança.

6. Foi possível, ainda, a partir do modelo matemático proposto por Kroch, confirmar o período de tempo que se dá a implementação da mudança: segunda metade do século XIX.

7. Foi visto que a taxa ou proporção de substituição da forma inovadora [Or + Voc] é constante, isto é, dada na mesma proporção em todos os contextos. Desenvolvemos, assim, evidência quantitativa a favor da Hipótese da Proporção Constante (Kroch, 1989).

8. Na primeira metade do século XX (T3), dá-se a reanálise das construções contendo *vocativo*, processo que ocorre quando uma nova geração de falantes adquire a língua. Esta constatação é indício de que a mudança que identificamos no presente trabalho está correlacionada à outra ou às outras, as quais estão correlacionadas com a mudança de um parâmetro no Português Brasileiro.

Passa-se agora à descrição sintática do fenômeno investigado neste trabalho.

Capítulo V

O vocativo e a estrutura sintática da sentença

Neste capítulo, desenvolvemos uma análise sintática das ocorrências de *vocativo* nas diferentes posições na sentença. O capítulo contém três seções: na primeira seção, será apresentado o Princípio da Projeção Estendida (EPP). Com base no estudo desse princípio, foram formuladas as configurações arbóreas das construções com *vocativo* em cada uma de suas possíveis posições de colocação na oração: [Voc + Or], [Or + Voc + Or] e [Voc + Or], as quais serão apresentadas na segunda seção. Na terceira seção, apresentaremos as conclusões desse capítulo.

5.1. O EPP: sobre o movimento à esquerda

Na análise da estrutura sintática em que o *vocativo* está inserido, sugerimos que o Princípio da Projeção Estendida (EPP) é responsável pelo mecanismo de deslocamento (movimento à esquerda) nas configurações arbóreas das construções que contêm o sintagma em questão. Faremos, portanto, o estudo deste princípio, além de tratar de algumas questões relacionadas a ele como, por exemplo, operações computacionais, checagem de traços e noção de fases.

5.1.1. O Princípio da Projeção Estendida

O Princípio da Projeção Estendida (EPP) foi proposto por Chomsky (1981) ao observar que em construções existenciais, como por exemplo: *There stands a statue in the town center*, a concordância ocorre entre a flexão verbal e o nome pós-verbal; o expletivo *there* apenas preenche a posição de sujeito na posição [Spec TP]. Em línguas do tipo do Inglês, se nenhum sintagma é alçado para a posição de sujeito [Spec TP], há obrigatoriedade da presença de um expletivo para preencher essa posição. Esse princípio é, então, comumente referido como a exigência de sujeito preenchido na oração.

O EPP tem sido considerado um problema muitas vezes “irritante” desde que foi formulado por Chomsky (1981). Nota-se, muitas vezes, que há dificuldade em determinar o que pode (ou talvez o que não pode) ser deduzido com relação ao EPP.

Para Chomsky (1995, 2005), a idéia básica é que o EPP é um traço que atrai o DP para uma posição específica. É através desse mesmo mecanismo que ocorrem a checagem de traços de Caso e a operação de Concordância (“Agreement”). Como veremos mais à frente, Chomsky (2005) propõe uma possível solução para os problemas que os efeitos do EPP causam, que seria a sua reformulação em termos de traços herdados.

5.1.1.1. O traço EPP

No âmbito do Programa Minimalista, o Princípio da Projeção Estendida pode ser plausivelmente reduzido a um traço D forte de I (núcleo do “Sintagma Flexional, daqui em diante IP), e a elevação Wh (elevação de um elemento interrogativo) devido a um traço D forte de C (pressupondo que Wh é uma variante de D (determinante))⁵⁶.

Acentua-se que um traço forte pede sempre uma determinada categoria no seu domínio de verificação e, não pede um Caso ou traços- *phi* (traços de pessoa, número e gênero). Conclui-se que o movimento visível de β tomando α como alvo, formando [Spec α] ou [β , α], só é possível se α for uma categoria não substantiva (isto é, uma categoria funcional) e um traço categorial de β participar da operação. Para Chomsky (1995), são propriedades de um traço forte: (i) desencadeia uma operação visível, antes de ocorrer Spell-Out; (ii) provoca ciclicidade: um α capaz de satisfazer um traço forte não pode "passar sobre" esse traço, sendo o traço verificado por β . Atente-se para a elevação sucessivamente cíclica a seguir:

(52) We are likely [t_3 to be asked [t_2 to [t_1 built airplanes]]]

Exemplo (54) de Chomsky (1995)

A elevação visível de t_1 para t_2 tem acesso a D para satisfazer o Princípio EPP na oração mais profundamente encaixada, sendo essa a única possibilidade, já que o infinitivo que determina a elevação não atribui caso. A operação seguinte que leva *we* para t_3 tem novamente acesso a D, satisfazendo o Princípio EPP na oração intermediária. A elevação posterior da posição t_3 para a posição de sujeito principal [Spec I] pode ter acesso a qualquer um dos traços que participam numa relação de verificação nessa posição. Como o traço categorial e os traços-*phi* do DP permanecem acessíveis depois

⁵⁶ Para Chomsky (1995: 323), a distinção entre traços D e traços N remete a três variantes do Princípio EPP: (1) exigindo um DP como especificador; (2) exigindo um NP; (3) exigindo uma categoria nominal quer DP, quer NP.

da verificação, mas não o traço casual, um único DP pode participar em satisfações múltiplas do Princípio EPP e em concordâncias múltiplas, mas não pode participar em relações casuais múltiplas.

Essa discussão emerge do fato de serem identificadas duas categorias funcionais dentro do IP para as construções simples: Tempo (T) e Concordância (Agr). Todavia, Chomsky (1995: 460) esclarece que a ocorrência de T é motivada por condições de *output* básicas por causa de suas propriedades semânticas e por motivos estruturais: verifica o traço temporal de V e o Caso do sujeito, além de fornecer uma posição para elementos temporais visíveis, quer estes sejam elevados, quer sejam introduzidos por Juntar (o Princípio EPP). Já a Concordância, tem apenas uma motivação estrutural: participa na verificação dos traços do sujeito e do objeto e fornece uma posição para elevação visível do objeto.

Para Chomsky (1995), o movimento A' é também formulado em termos de traços: considera-se que as palavras *wh*, como *who*, *what*, etc, contêm o traço interrogativo [Q] (ou [Wh]), que é um elemento abstrato subjacente a pronomes interrogativos e o traço [humano]. Supõe-se que o elemento interrogativo C (= [Q]) é forte, como em Inglês, por isso se o traço [Q] não estiver verificado, um dado elemento interrogativo é elevado para uma posição apropriada, ou seja, para o especificador da categoria CP (Sintagma Complementizador, doravante, CP).

Em novo desenvolvimento da teoria, Chomsky propõe que a estrutura sintática é construída em *fases* (“phases”). As fases são definidas como os domínios nos quais os traços não interpretáveis são valorados. De acordo com Chomsky (2004, *apud* Chomsky, 2005), identificamos as fases fortes a partir das categorias funcionais CP e vP. C se refere à região que Rizzi chama de periferia à esquerda (“left periphery”), e v^o é o núcleo funcional associado a uma estrutura argumental completa. No final de cada fase, parte da estrutura sintática já formada é transferida (“transfer”) para os níveis de interface tornando-se, assim, inacessível para operações sintáticas subsequentes.

5.1.1.2. Operações Computacionais: recurso para valoração de traços

Como foi visto, no capítulo II (seção 2.2.1.1), Chomsky (2005) considera dois tipos de junção que de maneiras diferentes satisfazem o traço EPP em T: a junção externa (“External MERGE”) e a junção interna (“Internal MERGE”). A primeira seleciona itens lexicais do léxico e, através da segunda operação, são formados novos objetos sintáticos. Para que a operação Juntar (“MERGE”) se aplique, um item lexical

deve ter um traço de margem (“um rótulo”), compreendido como a posição mais próxima da sonda. A partir do movimento do alvo para o especificador da sonda, esta valora seus traços não interpretáveis, que são apagados para que a derivação possa convergir.

Yoon (2000) questiona o movimento do alvo para o especificador da sonda, já que o alvo é caracterizado como um sintagma passivo por apresentar traços interpretáveis. A solução dada por Chomsky é atribuir à sonda o traço EPP, o que implica que um DP deve se mover para checar o traço EPP da sonda. Como afirma Chomsky (2001, *apud* Chomsky, 2005): “The strong phases are potential targets for movement, C and v may have an EPP-features, which provides are potential targets for XP movement”.

É necessário que esse DP tenha os mesmos traços-*phi* da sonda, isto é, uma categoria com EPP e traços-*phi* (por exemplo, T) atrai sintagmas com traços-*phi* completos⁵⁷. A valoração desse traço é equivalente a adicionar um especificador explícito à sonda que o possui. O movimento de um XP para o especificador de uma categoria que possui um traço EPP deve ser local (Relação de Localidade), o que significa que a primeira aproximação deve ser a partir de uma relação de c-comando⁵⁸.

Sendo assim, o traço EPP (não interpretável) atrai para a posição [Spec TP] o sintagma que contém o alvo (um item lexical interpretável). Se nada é alçado, o traço EF pode ser percolado do núcleo da fase com o traço Agree, devendo ser satisfeito de Junção externa (“External MERGE”), necessariamente de um expletivo, desde que não haja um nominativo acessível. Então, T tem morfologia *default* ou morfologia nula, o que evidencia ser o EPP um traço fonológico.

5.1.1.3. O traço EPP e a noção de fases

Como já dissemos, para Chomsky, a estrutura sintática é construída em fases. De acordo com Chomsky (2004, *apud* Chomsky, 2005), as fases são CP ou vP, onde C se refere à região que Rizzi chama de periferia à esquerda (“left periphery”) e v é o núcleo funcional associado a uma estrutura argumental completa⁵⁹. No final de cada fase, parte

⁵⁷ De acordo com Yoon (2000), Caso e EPP envolvem uma estrutura complexa de traços PHI/AGREE, enquanto que os valores dos traços-*phi* individuais (pessoa, número e gênero) podem ser combinados independentemente, uma vez que seus valores são atômicos.

⁵⁸ Trata-se do movimento do elemento c-comandado para o especificador da sonda, à medida que se estipula que um traço não interpretável na sonda seja pareado com um traço interpretável no alvo e vice-versa. Chomsky se baseia na idéia de Condição de Elo Mínimo (Minimal Link Condition).

⁵⁹ C e v são categorias funcionais; funcionam como sonda.

da estrutura sintática já formada é transferida (“transfer”) para os níveis de interface, tornando-se, assim, inacessível para operações sintáticas subsequentes.

Chomsky (2005:14) assume que C tem duas sondas: o traço de margem (EF) que é automaticamente avaliável para um item lexical (LI); e um traço Agree. O primeiro pode alçar um XP (elemento A’) para a margem de C. O segundo atrai o DP com o qual concorda, um elemento A, mas apenas até T. Faz-se importante considerar que tais operações ocorrem no nível da fase.

Nessa perspectiva, o traço de margem EF, do núcleo da fase, pode ser satisfeito por diferentes alvos, por exemplo, por um sintagma Wh ou um sintagma topicalizado:

EF of a phase head PH can seek any DP in the phase and raise it to spec PH. There are an intervention effects unless we assume that phrases there are to be topicalized have some special mark. That seems superfluous even if feasible, particularly if we adopt Rizzi’s approach to the left periphery: what is raised is identified as a topic by the final position it reaches and any extra specification is redundant. The same should be true for others forms of A’ movement. (Chomsky, 2005: 16).

É postulado que as operações de movimento ocorrem no nível da fase e, ainda, que uma fase não enxerga a outra, ou seja, o que foi resolvido em uma fase não entra em outra. Sendo assim, quando uma expressão é transferida é esquecida. Há, no entanto, evidências para a Teoria de Fases de que um elemento da margem de uma fase pode ser extraído para a margem da outra fase, movimento esse desencadeado pelo traço EPP que força um argumento dentro do domínio da fase para checar esse traço.

Chomsky (2005:14) salienta que o fato de o traço Agree atrair o DP apenas até T levanta duas questões: Como (qual é o mecanismo?) e por que (qual é a motivação?).

Segundo o autor, o mecanismo óbvio é que os traços de CP (Agree e EPP) são incorporados pelo TP e, então, T derivacionalmente, serve como uma sonda no nível da fase CP. Assim, ocorre que T projeta um especificador no momento em que se combina com C em decorrência do traço EPP. A posição [Spec T] é impenetrável à EF e invisível a esse traço, assim o XP atraído para [Spec T] deve ser invisível a C, não podendo ser movido para essa posição. Em outras palavras, T herda os traços de C e as operações procedem, então, como antes: se não existe nominativo acessível, então, T terá morfologia *default* ou nula. E há ainda algumas outras opções: se nada é alçado, os

traços de margem herdados por T devem ser satisfeitos por EM, necessariamente por um expletivo, uma vez que nenhum papel argumental pode ser designado.

Já a motivação, pode ser a de que a interface C-I requer uma dualidade semântica que é satisfeita a partir da distinção A *versus* A': um elemento A' pode ser movido para a posição não argumental [Spec C], ao passo que um elemento A pode ser movido para a posição argumental [Spec T]. Como explica Yoon (2000), quando se tem uma estrutura de traços-*phi* complexa (pessoa, número e gênero), o traço Agree pode ser valorado. Se C e T concordam com o DP alvo (“goal”), o último pode ficar “in situ” sob Long Distance Agreement⁶⁰, com todos os traços valorados ou pode ser elevado para [Spec TP], movimento esse que o torna inativo com todos os traços valorados, não podendo se mover para [Spec CP]. Essa restrição é imposta pela interface C-I.

A inabilidade do TP para se mover ou aparecer isolado (sem C) traz à tona o fato de que o TP apenas tem fase quando selecionado por C, quando derivado de C, à medida que C carrega tempo e somente há atribuição de Nominativo, que ocorre na posição A [Spec TP], quando a oração é finita, como podemos observar no exemplo a seguir:

(53) [_C of which car [_T was the driver [_v awarded [_V a prize]]]]

Exemplo (7ii) de Chomsky (2005)

A sonda Wh acessa *of which car* na posição de base [Spec TP], enquanto a sonda C percolada em T alça o DP *the driver of which* para [Spec TP]. T projeta um especificador no momento em que se combina com C. T não é a sonda que resulta do movimento A para o especificador de TP antes de C ser marcado. O traço de margem EF e o traço Agree aplicam-se em paralelo: como ilustrado no exemplo acima, EF alça um PP para uma posição A', enquanto Agree valoriza os traços não interpretáveis,

⁶⁰ Assume-se que a relação de c-comando funciona na teoria da Vinculação (Outer edge of the C-I interface). No entanto, observa-se em Chomsky (2005) que há casos de Long Distance Agreement como ilustra o exemplo do Português *Pedro disse que Maria se vê no espelho* em que o pronome é apenas indiretamente vinculado ao spec, assim um caso de AGREE, não de c-comando. Desse modo, conclui-se que no nível C-I c-comando não é importante. Talvez por tratar-se de um nível cognitivo não lingüístico. Nessa perspectiva, os princípios da Vinculação são revistos por Chomsky (2005): Condition (C) – pode ser formulada como uma relação probe-goal, considerando o pronome c-comandado como sonda (probe); a condição (A) não envolve c-comando, mas Agree.

alçando um DP para uma posição A. Nesse exemplo, o traço Agree é responsável pelo preenchimento da posição de sujeito e, portanto, pela valoração do traço EPP.

Há uma argumentação forte de Chomsky (2005) de que os movimentos ocorrem simultaneamente; no entanto, o autor conclui que os movimentos podem aplicar-se em qualquer ordem, ou simultaneamente. No exemplo acima, as operações de movimento ocorrem em fases distintas.

Para Chomsky (2005), o traço Agree pode ser propriedade de núcleos de fase em geral, não apenas de C, *v* também pode transmitir o traço Agree para V e a sonda de um objeto com Caso Estrutural em *v* pode ser capaz de mover para [Spec V], passo a passo, até chegarem a [Spec T] ou [Spec C].

Uma questão que se levanta é se a herança é obrigatória ou opcional. No caso de C, observa-se que a herança é opcional porque T não requer C, mas sim o contrário: pressupõe-se que toda vez que tiver C (que carrega tempo), a oração deve ter um sujeito, ou seja, a posição de especificador de T deve ser preenchida. Para *v*-V, propriedades da Teoria da Vinculação – condição (B) – um pronome deve estar vinculado em seu domínio de vinculação - indica que a regra deve ser obrigatória. Ocorre que *v* sonda um objeto com Caso Estrutural e torna possível o objeto alocar-se no especificador de V.

Chomsky (2005:21) ressalta propriedades importantes da operação IM (junção interna): (i) o alvo alçado deve alcançar a sonda passando por meio de posições intermediárias onde deixa cópias, mas não pára nessas posições para ser pronunciado; quão pequenos são esses passos há ainda de ser definido; (ii) para o movimento A' (movimento para [Spec CP]), eles poderiam ser tão pequenos quanto em cada categoria como visto, apesar de maneira diferente em Chomsky (1986); (iii) a herança dos traços do núcleo da fase pelas categorias T e V deve ser baseada em princípios⁶¹.

Ainda sobre a operação IM, Chomsky (2005), sugere que há uma assimetria em relação aos movimentos A e A' no que diz respeito aos passos locais: os efeitos de reconstrução são mais fracos para o movimento A' se é que eles existem. O único argumento forte para os passos locais, no caso do movimento A, são aqueles baseados em “binding” e extração; no caso do movimento A', o argumento dá suporte apenas à extração, ou seja, ao movimento da sua posição de base à posição de superfície, não

⁶¹ O autor salienta que tais propriedades dão uma razão além para supor que as operações estão somente no nível de fase e, ainda, que a inativação do [Spec TP] em uma oração finita é um reflexo da herança dos traços de C, já que esta é baseada em princípios.

havendo necessidade de passos locais. Entretanto, Chomsky supõe que o alçamento do argumento externo (“EA”) para [Spec TP] não passa através de posições intermediárias, ou seja, não há posições intermediárias entre a posição de base e a posição de superfície, deixando de lado a idéia de alçamento cíclico sucessivo. Essas propriedades ainda precisam ser mais detalhadas.

5.1.1.4. Concordância e foco: valores de um mesmo parâmetro

Segundo Chomsky (2005), uma consequência da conclusão de que o traço de concordância [Agree] pertence a C e a T, este último, apenas derivacionalmente, é que esse traço está situado na região que Rizzi chama de periferia à esquerda, como o foco. Chomsky ressalta que essa conclusão foi desenvolvida por Miyagawa que discute que a concordância (“agreement”) e o foco (“focus”) são dois valores do mesmo parâmetro e as línguas variam com relação a qual deles é proeminente: traços-*phi* para línguas do tipo Inglês e foco para línguas do tipo Japonês, incluindo o Bantu, além de outras.

Miyagawa (2004) considera que todas as operações que movem uma categoria para o especificador de TP são desencadeadas pelo traço [EPP] presente no núcleo:

(54) Movimentos para TP ou categoria mais alta

Wh – movement;
 focus movement,
 “agreement” movement (thematic subject);
 scrambling⁶²

Miyagawa (2004)

Em princípio, poderíamos dizer que as línguas se diferem quanto a ocorrência de cada um dos movimentos listados em (54); no entanto, para Miyagawa (op cit), a diferença é apenas aparente. A análise dessas operações de movimento desenvolvida pelo autor é feita considerando, primeiramente, que essas operações são fundamentalmente a mesma: tanto o movimento do sujeito para o especificador de TP para satisfazer a

⁶² Para Fukui (*apud* Miyagawa (2004)), a falta de concordância é responsável por um tipo de movimento opcional, scrambling, que pode mover livremente uma categoria de uma posição específica exatamente pelo motivo de não haver concordância.

exigência de T, como o movimento de uma expressão Wh para o especificador de CP são desencadeados pelo traço [EPP]⁶³.

Faz-se importante deixar claro que Miyagawa, ao considerar que o traço EPP é responsável pelos quatro movimentos listados acima, assume que estes são claramente desencadeados por outros traços. Os quatro movimentos, para o autor, podem ser reduzidos a dois traços que interagem com o EPP: concordância (agreement) e foco (focus). A análise do autor é, portanto, baseada na noção de variação paramétrica. Uma língua pode ser de proeminência de sujeito (agreement) e de proeminência de tópico (focus).

Entretanto, resta clarificar a maneira pela qual o EPP interage com outros traços funcionais: se todas as operações de movimento em (49) são motivadas pelo EPP, mas desencadeados pelos traços de concordância [Agree] e de margem [Focus] porque envolvem núcleos diferentes? O movimento Wh e o movimento do foco ocorrem tipicamente na região de C. É postulado que a operação de concordância ocorre, normalmente, em T (para a concordância do sujeito com o verbo). Se foco e concordância são valores opostos do mesmo parâmetro não poderiam envolver núcleos diferentes.

O autor sugere que o traço [Agree] pode ocorrer em C: possivelmente, todos os traços não interpretáveis estão localizados nos núcleos das fases (C^o e v^o). Chomsky (2005) concorda com esta afirmação, ao assumir que a herança do traço Agree (de C para T) é opcional. Como mencionado na seção anterior, o traço de concordância [Agree] pertence originalmente a C e, a T, este último, apenas derivacionalmente.

Segundo Miyagawa (2004, *apud* Chomsky (2005)), esses traços funcionais não estão presentes somente em todas as línguas, mas também são fonologicamente expressos de alguma maneira. Para Chomsky, se uma análise de acordo com essas linhas pode ser sustentada, isso provê evidência para dar suporte à conclusão de que as fases são CP e vP, o *locus* da valoração dos traços não interpretáveis.

5.1.2. O EPP na descrição de operações de movimento

A presente seção buscou demonstrar, que apesar da dificuldade em determinar o que pode (ou talvez o que não pode) ser deduzido com relação ao EPP, muito se tem feito para a sua descrição desde que foi proposto originalmente por Chomsky (1981).

⁶³ O autor não trata, neste artigo, do movimento para o especificador de vP, que presumidamente também envolve o traço EPP.

A proposta do Programa Minimalista da reformulação do EPP como um traço que atrai o DP para uma posição específica já foi um grande avanço. É intrigante questionar se o EPP pode, ainda, ser reformulado em termos de herança de traços de acordo com a suposição de Chomsky (2005) de que o traço de margem EF pode ser herdado do núcleo da fase juntamente com os traços Agree.

Como mencionado, essa suposição já trouxe a evidência de que o traço EPP está situado na periferia esquerda como o foco, o que fundamentou a conclusão de Miyagawa (2004) de que todas as operações de movimento para TP ou categoria mais alta são desencadeados pelo traço EPP. Essa conclusão pode ser de grande valia para a descrição e análise de fenômenos sintáticos em que estão envolvidas operações de movimento, como o que estudamos nesta dissertação.

Em suma, podemos dizer que a reformulação das propriedades do EPP com base na herança traços seria um desenvolvimento bem vindo, um outro passo em direção à longa tradição de pesquisa da qual ele deriva.

5.2. O vocativo na estrutura sintática

No estudo do ambiente sintático em que o *vocativo* está inserido, faz-se necessário o conhecimento da região que Rizzi (1997) chama de periferia esquerda da sentença (“left periphery”). Como veremos adiante, levantamos a hipótese de que é nessa região que o *vocativo* é gerado, podendo, ainda, ser movido dentro dela.

5.2.1. Sobre a periferia esquerda da sentença

A região que Rizzi (1997) chama de periferia esquerda da sentença compreende a região de C⁶⁴. O autor expandiu essa região, o chamado sistema CP, para alojar funções dentre as quais estão o tópico e o foco, o primeiro representado pela categoria Top P e o segundo pela categoria Foc P. De acordo com ele, o especificador das respectivas categorias é o lugar do constituinte topicalizado ou focalizado. Até então, estes constituintes eram tratados como adjuntos a IP ou a CP, devido ao fato de esses elementos não ocorrerem na sentença por necessidades seletivas.

⁶⁴ Essa região é chamada por Martins (1994), seguindo Laka (1990), de projeção Σ . Essa categoria, segundo a autora, aloja a negação (Neg) e a afirmação enfática (Aff). Mais à frente, assume que essa categoria faz parte da estrutura da frase, assim, “ Σ está presente em todas as frases afirmativas, independente de serem enfáticas ou não”.

O autor assume que a interpretação de um constituinte como tópico ou foco emerge do fato de ele estar em configuração “Spec/ núcleo” de acordo com o “Critério Topic ou Focus”, o qual é remanescente do “Critério Wh e Neg (Rizzi, 1991)”. Esse critério se traduz pela obrigatoriedade do movimento do constituinte que é interpretado como tópico ou foco para o especificador de Top/ Foc P. Observamos que esse critério diz respeito ao movimento A’ em decorrência do traço EPP, nos termos de Chomsky (2005)⁶⁵.

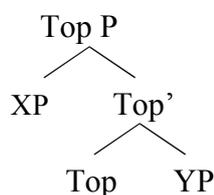
O autor sugere que as seguintes categorias configurem a periferia esquerda da sentença:

(55) ... Force ... (Topic)... (Focus)... Finit IP

Observa-se no esquema que dois subsistemas configuram o sistema CP. O primeiro subsistema é composto por Force/ Finit P. “Force” indica o tipo sentencial, isto é, expressa se a sentença é interrogativa, declarativa, exclamativa, relativa, comparativa etc. Esse subsistema proporciona, ainda, distinções como modo, concordância etc, em “Finit P”. Já o segundo subsistema, é formado por Foc/ Top P. Se um constituinte carrega o traço de foco ou tópico, é licenciado pelo Critério “Spec/ núcleo”, então, a área de tópico e foco, situada entre “Force” e “Finit P”, é ativada.

Sobre as configurações com tópico e foco, Rizzi (op cit) afirma que são similares, em vários aspectos, com construções A’, o que leva a crer que o mesmo esquema estrutural é envolvido:

(56)



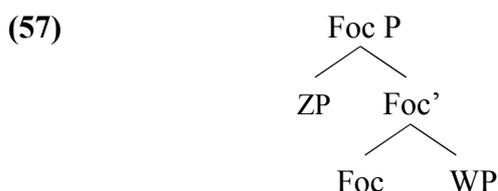
XP = tópico

YP = comentário

Exemplo (6) de Rizzi (1997)

⁶⁵ Como visto na seção anterior, Miyagawa (2004, *apud* Chomsky, 2005) observa que o traço [EPP] está na periferia à esquerda como o foco. Conclui que todos os movimentos para TP ou categoria mais alta são desencadeados por este traço, sendo ele responsável tanto pelo movimento do sujeito para o especificador de TP para satisfazer a exigência de T (operação Agreement), quanto pelo movimento de uma expressão Wh para CP.

O núcleo funcional Top projeta seu próprio esquema X - barra em que o tópico ocupa a posição de especificador e o complemento é o comentário. Analogamente, na projeção Foc P, o foco ocupa a posição de especificador e a pressuposição a de complemento:



ZP = foco

WP = pressuposição

Exemplo (7) de Rizzi (1997)

O autor deixa claro que o tópico e o foco não se confundem porque as propriedades da relação tópico/ comentário são diferentes da relação foco/ pressuposição. A primeira numa relação de predicação em que o tópico pode ser o sujeito e o comentário o predicado. O foco da sentença faz parte do predicado, não se confundindo de maneira nenhuma com o tópico da sentença. A segunda se traduz numa relação de quantificação em que o foco é o valor atribuído a variável⁶⁶.

Sem dúvida, a expansão do sistema CP feita (Rizzi, 1997) muito colaborou para desvendar a ainda pouco explorada região de C. Todavia, apesar de reconhecermos a coerência e a contribuição dada por Rizzi, optamos, neste estudo, por não adotar rigorosamente tais observações no que diz respeito à quais e quantas são as categorias situadas na região de C. Para fazê-lo, precisaríamos de análise mais aprofundada sobre diversos fenômenos, o que está fora do âmbito desta dissertação.

⁶⁶ Também não coincidem a sintaxe das construções que apresentam estes constituintes na periferia esquerda da sentença: de acordo com Rizzi (op cit), o foco, mas não o tópico, é de natureza quantificacional, é compatível com uma configuração que o relacione diretamente a uma variável sintática (uma posição A vazia): *Your book I bought*. O fato de o tópico poder ser retomado por um pronome ou clítico descarta a possibilidade, nesse caso, de haver uma variável. A diferença básica é, então, que o foco não pode ser retomado por um pronome dentro da oração TP, o tópico pode: *Your book I bought it*. O tópico, por ele poder ser retomado por um pronome ou por um clítico, a relação entre ele e a posição A não é de quantificador - variável. Quando é uma categoria vazia que o retoma, observa-se que a estruturação da sentença não é compatível com uma que considere o tópico um elemento quantificacional e a categoria vazia uma variável.

5.2.1.1. O vocativo e a periferia esquerda

Com base na observação dos dados do nosso *corpus*, propomos que assim como o tópico e/ou o foco, o *vocativo* se move de sua posição de base para o especificador de uma categoria situada acima de CP, na periferia esquerda da sentença⁶⁷. Por uma questão de clareza, nesta dissertação, chamamos a categoria que domina TP, de Voc P, posição de base do *vocativo*; e a categoria que domina esta, em que se localiza o constituinte focalizado (ou topicalizado), chamaremos de Foc P.

De acordo com a nossa hipótese, sugerimos que a posição de base do *vocativo* é também na região de C, uma vez que mesmo nos exemplos em que este constituinte não se move, permanecendo em sua posição de base, a entonação com que é, geralmente, proferido, é característica dessa região da sentença. Sabemos que constituintes situados em tal região são pronunciados com um acento diferencial, como por exemplo, o tópico, o foco e constituintes Wh⁶⁸. Assim, adotamos o seguinte esquema:

(58) Foc P... Voc P... TP

O processo de escolha do constituinte que será movido para categoria mais alta é feito por parte do falante no contexto do ato de fala. É ele quem vai optar por enfatizar um determinado constituinte ou a oração TP. Do mesmo modo que o foco ou o tópico, o *vocativo* é um sintagma que é realizado a partir da decisão do falante⁶⁹. Postulamos, assim, com base no esquema em (55), que quando este constituinte é realizado, a área situada entre TP e Foc P, destinada a alojar este constituinte, é ativada.

Como veremos, na próxima seção, em cada possível posição de colocação do *vocativo* na sentença, é distinto o constituinte que se move para a categoria que está acima de Voc P: o constituinte que corresponde ao *vocativo* ao se tratar de [Voc+Or], um constituinte interno a oração TP, no caso da construção [Or + Voc + Or] ou, ainda a oração (TP), quando temos [Or + Voc].

⁶⁷ Como vimos no capítulo III, encontram-se no nosso *corpus* construções contendo *vocativo* à semelhança de tópico e de foco.

⁶⁸ De acordo com Haidou (2004:196), o foco é um dos vários fenômenos lingüísticos que requerem uma abordagem multidimensional da gramática. A relação direta entre ênfase e foco não pode ser capturada exclusivamente em termos minimalistas, pois estão envolvidos traços semânticos como [+ focus] e fonológicos como [+ stress]. Ainda, de acordo com a autora, pesquisas recentes mostram que o foco é realizado com acento em muitas línguas e muitos autores têm assumido que o constituinte focalizado sempre carrega a maior ênfase (Cinque, 1993; Reinhart, 1995; Zubizarreta, 1998).

⁶⁹ Sugerimos, no capítulo III (seção 3.2.3.3.2), que a diferença básica entre a construção de tópico típica e *vocativo* é, antes de tudo, uma diferença entre discurso direto e indireto.

5.2.1.2. O vocativo e sua interpretação

No nosso *corpus*, como vimos no capítulo III, encontramos construções contendo *vocativo* à semelhança de tópico e de foco⁷⁰. É por esta razão que fazemos, a seguir, a comparação da interpretação desses constituintes com a interpretação do *vocativo*. Para tal, apresentamos, primeiramente, a interpretação que é dispensada ao foco e ao tópico.

Foco e tópico diferenciam-se no que diz respeito ao estatuto de informação dada e nova.

Foco é um conceito discursivo que se aplica ao constituinte que veicula a informação nova na sentença (Miotto, 2003: 01)⁷¹. Acrescenta-se que esse constituinte pode ser a sentença inteira ou pode estar explicitamente articulado com a pressuposição, que responde pela informação partilhada pelos falantes⁷².

No que diz respeito ao tópico, de acordo com Pontes (1986), considerando-se o nível do discurso, dizer que um elemento é tópico pode significar que se trata de informação dada, ou seja, ligada ao contexto anterior do discurso. Supõe-se que o tópico do discurso é semântico e se depreende da seqüência como um todo. Já ao nível da sentença, diz-se que tópico é “aquele ou aquilo de que se declara algo”. É da mesma opinião, Duarte (1987) que afirma que para “que uma dada expressão lingüística seja reconhecida como tal constituinte é necessário que ela tenha estatuto informacional de dado”.

Apesar das similaridades identificadas entre essas construções de tópico, foco e construções com *vocativo*, não se pode depreender o estatuto de informação nova deste último. Pode ser que este estatuto não se aplique ao *vocativo*.

Sobre o estatuto de informação dada, é interessante observar que o *vocativo* sempre apresenta o traço [+det]⁷³. A presença desse traço nos permite deduzir que a pessoa (ou coisa) a que o *vocativo* se refere é conhecida por parte de quem lhe dirige a palavra (o enunciador). É o que se pode observar nos exemplos que se seguem:

⁷⁰ Como já foi visto, o primeiro pode se comportar sintaticamente à semelhança dos últimos.

⁷¹ Miotto (2003:169) distingue dois tipos de foco: (i) o que simplesmente fornece uma informação solicitada, ou seja, foco de informação; e o que não se limita simplesmente a fornecer uma informação nova e tem outros traços discursivos associados: se envolve contraste ou correção de uma informação anterior, temos o foco contrastivo; se a propriedade adicional envolvida é de informação exaustiva, temos o foco de identificação.

⁷² Embora tenha uma função discursiva, o foco é um produto da gramática e, sua manifestação pode ser fonológica, morfológica, sendo, assim, um fenômeno de interface.

⁷³ Agradeço à Prof^a. Dr^a Jânia Ramos (com. pessoal) por esta observação.

(59) Jorge: Vizinha, o ladrão foi apanhado.

(Martins Pena, 1956:329)

(60) Florência: Olha, filha, quando eu vi diante de mim essa mulher senti uma revolução que não sei te explicar...

(Martins Pena, 1956: 322)

(61) Manuel: Ó meu amigo, onde está hospedado?

(Modesto de Paiva, *manuscrito*)

No exemplo (59), Jorge, se dirige à vizinha Florência e, não , à “uma vizinha”. Em (60), Flôrência se dirige à filha Emília e, não “a uma filha”. Do mesmo modo, em (61) Manuel se refere ao amigo e, não a “um amigo”.

Cabe-nos, ainda, fazer algumas observações com relação à interpretação do *vocativo*. Para tal, a seguir, apresentamos o contexto em que cada tipo de construção contendo *vocativo* ocorre.

Quando o falante está próximo do ouvinte ou aguardando uma resposta deste no contexto do ato de fala, não havendo disputa de atenção daquele, é focalizada a oração, como no trecho⁷⁴:

(62) Tonho: (...) Eu estudei. Uma briga com o negrão não acaba nunca. Se eu acerto ele hoje, ele me pega de faca amanhã. Se eu escapo amanhã, ele me pega depois. Só acaba com a morte.

Paco: Mata ele.

Tonho: Eu estudei, meu chapa. Não estou a fim de apodrecer na cadeia por causa de um desgraçado qualquer.

(Plínio Marcos, 1978: 38, *grifo meu*)

No trecho acima, *Tonho* não disputa a atenção de *Paco* com outro(s) interlocutor(es), o diálogo se dá entre os dois personagens que estão próximos e é, portanto, esperada pelo primeiro, a fala do último.

⁷⁴ Como vimos, de acordo com Miotto (2003), o foco pode ser a sentença inteira, isto é, uma sentença inteira pode ser focalizada.

Já quando o enunciador está distante do ouvinte ou quando este deseja chamar a atenção daquele, principalmente quando há, no contexto do ato de fala, disputa da atenção deste último, é focalizado o constituinte correspondente ao *vocativo*, como ilustrado no trecho:

(63) Jorge: Vizinha, vizinha, o que é? O que foi? Não vejo ninguém...

Florência: Quem está aqui?

Jorge: Vizinha, somos nós.

Emília, *dentro*: Minha mãe, minha mãe!

Florência: Ah, é o vizinho Jorge! E estes senhores! (*Levantando-se ajudada por Jorge*).

Emília: Minha mãe, o que foi?

(Martins Pena, 1956:329, *grifo meu*)

Neste exemplo, embora o enunciador esteja próximo do ouvinte, dirige-se à ele com espanto, o que nos leva a crer que a intenção do primeiro é chamar a atenção do último. Podemos observar, ainda, que há disputa da atenção do ouvinte: tanto *Jorge*, o vizinho, quanto a filha *Emília*, requerem a atenção de *Florência*.

O enunciador pode, ainda, optar por enfatizar um outro constituinte interno a oração, como no caso das construções com *vocativo* dentro do enunciado. Faz-se importante lembrar que o *vocativo* não é o tópico ou o foco, mas pode se comportar sintaticamente à semelhança destes constituintes. No entanto, o *vocativo*, assim como o foco/ tópico situa-se à margem da sentença, sendo, portanto, pronunciado com ênfase (com acento diferencial), como tais constituintes⁷⁵.

Segue um exemplo de construção com *vocativo* dentro do enunciado:

⁷⁵ Não atribuímos à palavra “enfatizar”, neste contexto, o sentido de “focalizar”.

(64) Florência: O rapaz não tem inclinação nenhuma para ser frade.

(...)

Mestre: O dia que o Sr. Carlos sair do convento será para mim um dia de descanso. (...) Não se passa só um dia em que se não tenha de lamentar alguma travessura desse moço (...).

Florência: Foi sempre assim, desde pequeno.

Ambrósio: E seria uma crueldade violentar-lhe o gênio.

Mestre: E se o conheciam, senhores, para que o obrigaram a entrar no convento, a seguir uma vida em que se requer tranquilidade de gênio?

Florência: Ah, não foi por meu gosto, meu marido é que persuadiu-me.

Ambrósio, *com hipocrisia*: Julguei assim fazer um serviço agradável a Deus.

Mestre: Deus, senhores, não se compraz com sacrifícios alheios.

(Martins Pena, 1956: 316, *grifo meu*)

Neste exemplo, o que é focalizado é o sujeito da oração (TP). Observe-se que, também neste caso, o enunciador (o *Mestre*) está próximo dos seus interlocutores (*Florência* e *Ambrósio*) e não há, ainda, disputa de atenção destes.

Ao observarmos que as diferentes posições de colocação do *vocativo* na sentença podem ter diferentes interpretações, levantamos as seguintes questões: se estas diferentes posições são variantes, devem ter “o mesmo valor de verdade” (como visto no capítulo III), como podemos dizer que as interpretações delas podem diferir uma da outra? Consequentemente, poderia ser questionado se essas formas são mesmo concorrentes.

Oliveira (1987, *apud* Ramos, 2002) afirma que estaria havendo um hiperdimensionamento do que seja variável lingüística, pois alguns casos deveriam ser excluídos do rol das variantes por tratarem-se de “especialização de formas” e, não, variação lingüística. Considera-se que se o contexto estrutural determina uma variante, então não há variação (exemplo, sujeito preenchido e não preenchido e ordem VS e SV). Note-se que este comentário é direcionado, propriamente, à “variação sintática”, pois é sabido que esta é, geralmente, condicionada por fatores lingüísticos (ou estruturais).

O problema que levantamos com relação à nossa variável dependente é tratado por Ramos (2002) no âmbito da variação sintática em geral. A autora considera que a

adoção de uma noção muito restrita de “mesmo valor de verdade” seria incoerente com um modelo que pressupõe ser a variação condicionada por fatores lingüísticos e extra-lingüísticos. É preciso considerar que os efeitos discursivos e pragmáticos são inseparáveis desse conjunto de fatores. De acordo com a autora:

Labov (1978:2), ao incluir a noção de valor de verdade na definição de variável, pretendia referir-se ao que Bühler (1934) chamou de “significado representacional”, conceito esse que, por sua vez, pode ser tomado num sentido mais amplo ou mais restrito. No primeiro caso, não leva em conta diferenças discursivas e pragmáticas. Em outras palavras, apenas o primeiro caso considera o par *João comeu* e *O que fez João foi comer* como variantes, mas não no segundo. (Ramos, 2002: p.3).

Em concordância com Ramos (op cit), consideramos a noção mais ampla de “mesmo valor de verdade” no trato com a nossa variável, uma vez que esta é condicionada a fatores lingüísticos⁷⁶. Enfim, consideramos que as três alocações do *vocativo* não deixam de ser variantes somente porque podem suscitar diferentes interpretações no contexto do ato de fala.

A partir das especulações feitas até aqui, torna-se possível a formulação das configurações arbóreas das sentenças que contêm *vocativo* nas diferentes posições que esse constituinte pode ocupar na estrutura sintática, as quais são apresentadas na próxima seção.

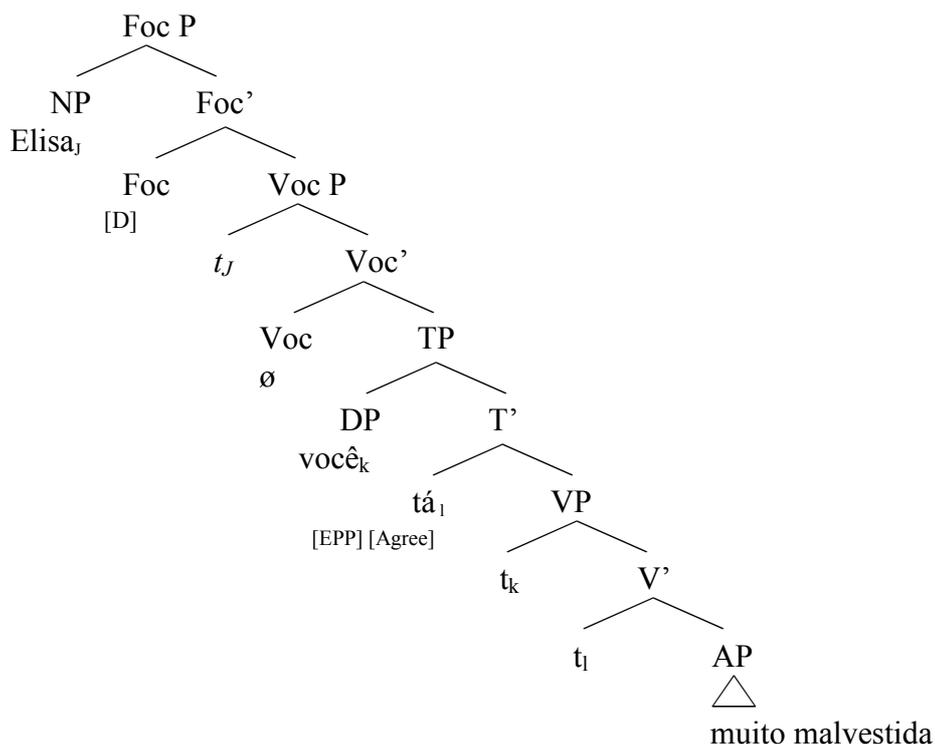
5.2.2. Descrição da posição linear do vocativo na oração

São apresentadas, a seguir, as configurações arbóreas referentes às possíveis posições de colocação do *vocativo* na estrutura sintática:

(65) Elisa, você tá muito malvestida. [Voc + Or]

(Mauro Rasi, 1995:137)

⁷⁶ Para mais detalhes sobre os fatores lingüísticos que condicionam a variante inovadora [Or + Voc], ver capítulo IV desta dissertação.



Sobre o movimento A', postulamos que a posição de base do NP *Elisa, vocativo*, é [Spec Voc P]. O traço EF, um traço D, presente no núcleo da categoria Foc P atrai o NP em questão para uma posição mais alta, ou seja, [Spec Foc P].

Nos termos de Chomsky (2005), podemos dizer que o NP *Elisa*, que corresponde sintaticamente a um *vocativo*, tem um traço de margem EF (“edge feature”) que permite o movimento para a margem esquerda da sentença. Portanto, esse NP é o alvo (que possui traços-*phi* completos) que valora o traço não interpretável [D] da sonda Foc.

No que diz respeito ao movimento A, considera-se que os traços de CP (Agree e EPP) são incorporados pelo TP e, então, T derivacionalmente, serve como uma sonda no nível da fase CP⁷⁷. Assim, os traços [EPP] e [Agree], presentes no núcleo de TP, desencadeiam o movimento do argumento externo *você* para aposição [Spec TP], de modo que preenche a posição de sujeito e valora Caso Nominativo nessa posição.

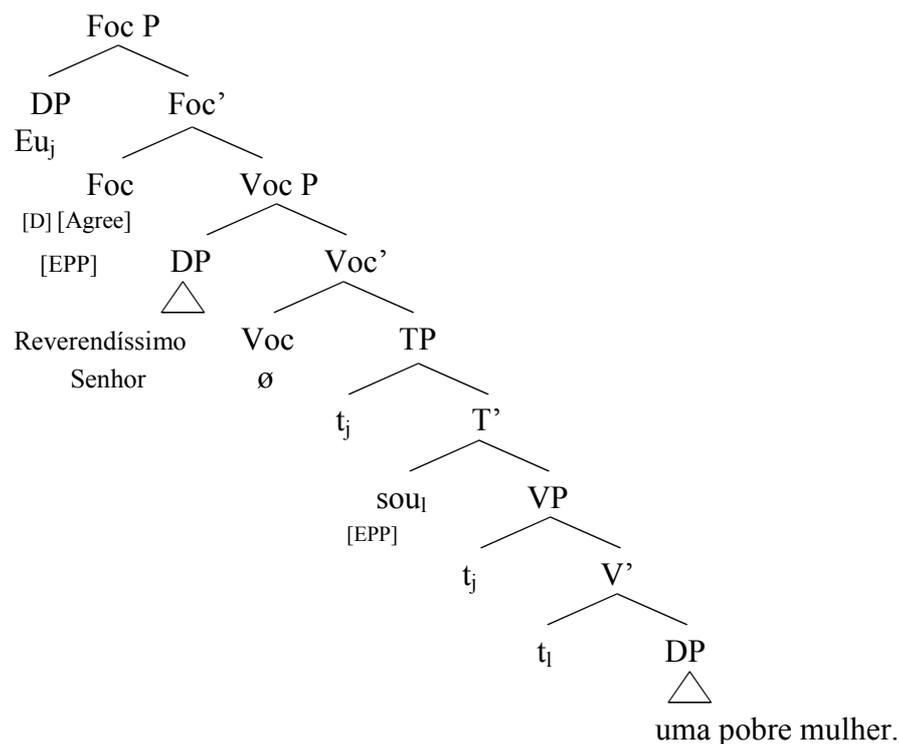
É importante ressaltar, ainda, que o constituinte *você* não pode se mover para a periferia esquerda da sentença, uma vez que, nesse tipo de construção, o traço Agree percolou para T, isto é, foi herdado pelo núcleo de TP.

⁷⁷ Presume-se que, do mesmo modo, no nível da fase vP, V pode servir como sonda.

No exemplo a seguir, apresento a configuração arbórea referente à construção [Or + Voc + Or]:

(66) Eu, Reverendíssimo Senhor, sou uma pobre mulher. [Or + Voc + Or]

(Martins Pena, 1956: 301)



Na configuração arbórea em (66), observe-se que o DP *eu* se move de sua posição de base [Spec VP] para a posição [Spec TP], em decorrência do traço EPP, existente em T, de modo que satisfaz a exigência de preenchimento da posição de sujeito nessas posições. Efetiva-se, assim, o movimento A.

Como na Teoria de Fases, o argumento dá suporte à extração, ou seja, ao movimento da sua posição de base à posição de superfície, não havendo necessidade de passos locais, o DP “eu” se move, ainda, para a posição [Spec Foc P], configurando, assim, o movimento A⁷⁸.

O movimento do sujeito para a periferia à esquerda pode ser explicado pelo fato de este constituinte não valorar caso na posição [Spec TP], uma vez que o traço [Agree]

⁷⁸ Como foi visto, de acordo com a Teoria de Fases, é possível o movimento de um argumento da margem de uma fase para a margem de outra devido à existência do traço [EPP].

ocorre na periferia esquerda da sentença, ao invés de em T⁷⁹. O que é focalizado na sentença é, portanto, o sujeito “eu”.

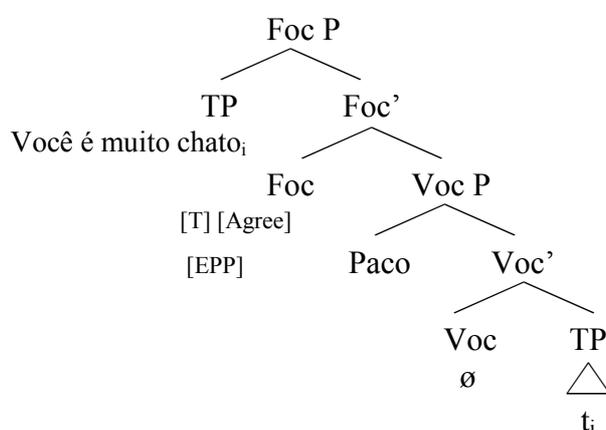
Como se vê, nesse tipo de construção, os traços presentes na periferia esquerda da sentença (núcleo da categoria Foc P) são: o traço EPP, o traço [Agree] e um traço de margem EF (= D) existentes no núcleo da categoria Foc P. O movimento do sujeito para a posição [Spec Foc P] garante a valoração dos de todos os traços presentes no núcleo de Foc P. Observe-se, enfim, que o *vocativo Reverendíssimo Senhor*, permanece em sua posição de base [Spec Voc P].

Ao final das operações de movimento, a expressão linguística é ‘transferida’, ou seja, ocorre Spell Out.

Em (67), temos a configuração arbórea da construção [Or + Voc] em que o *vocativo* aparece à direita da oração:

(67) Você é muito chato, Paco. [Or + Voc]

(Plínio Marcos, 1978: 89)



⁷⁹ Essa descrição está de acordo com a observação de Chomsky de que o traço categorial [EPP] e os traços *phi* [Agree] do DP permanecem acessíveis depois da verificação, mas não o traço casual, um único DP pode participar em satisfações múltiplas do Princípio EPP e em concordâncias múltiplas, mas não pode participar em relações casuais múltiplas. Se Caso fosse valorado em TP, o que se daria se o traço [Agree] fosse herdado pelo núcleo de TP, o constituinte não poderia se movimentar, ainda, para a periferia esquerda, ficaria inativo para operações subseqüentes.

Na configuração acima, temos o movimento do constituinte *você* da sua posição de base [Spec VP] para a posição [Spec TP], satisfazendo, assim, o traço [EPP] presente nas duas posições. Também, nesse caso, o traço [Agree] não é herdado pelo núcleo de TP, por esta razão não é valorado Caso Nominativo em [Spec TP].

O movimento A' se dá para valorar os traços presentes na periferia esquerda, no núcleo de Foc P: o traço [EPP], o traço [Agree] e o traço de margem EF (= T). Para a valoração desses traços, a oração (TP) é movida para a periferia esquerda da sentença, mais especificamente, para a posição [Spec Foc P]. Como se pode observar, nesse caso, é focalizada toda a oração TP.

O *vocativo* permanece em sua posição de base [Spec Voc P]. Assim, após a realização das operações de movimento, esse termo se posiciona à direita da oração na estrutura de superfície⁸⁰.

Na próxima subseção, serão expostas as considerações finais deste capítulo.

5.2.3. Algumas considerações sobre o vocativo na estrutura sintática

No presente capítulo, realizamos o estudo da estrutura sintática em que o *vocativo* está inserido, considerando-se a necessidade de uma descrição mais precisa desse sintagma.

Para tal, fizemos o estudo do Princípio da Projeção Estendida (EPP), que é responsável, pelo mecanismo de deslocamento (movimento à esquerda) nas configurações arbóreas das construções em que esse constituinte se realiza.

Como descrito, em cada possível posição de colocação do *vocativo* na estrutura sintática, é distinto o constituinte que é focalizado/ topicalizado: o constituinte que corresponde ao *vocativo* ao se tratar da construção [Voc + Or]; um constituinte interno a oração TP, no caso da construção [Or + Voc + Or] ou, ainda, a oração (TP), quando temos a construção [Or + Voc].

De acordo com os resultados, a ordem [Voc + Or], que ocorre com mais frequência na 1ª metade do século XIX, descende gradativamente ao longo do tempo. A ordem [Or + Voc], no entanto, apresenta perfil ascendente, com maior índice de

⁸⁰ Martínez (2003), para explicar o surgimento da posição pós-verbal *não*, levanta uma hipótese semelhante a que propomos aqui. A autora postula que a posição do *não* pós-verbal resultou do deslocamento da oração para a esquerda dessa partícula, para a categoria que ela chama de Neg Foc P. Oliveira (1996:150) apresenta a mesma proposta para explicar a realização da partícula 'sim' em posição final de estrutura de frase no PB, como no exemplo: *Falei com ela hoje sim*

ocorrência na 2ª metade do século XX⁸¹. Já a construção [Or + Voc + Or], é menos produtiva em todos os períodos de tempo considerados. O perfil ascendente apresentado pela construção [Or + Voc] caracteriza um processo de *mudança lingüística*, já que indica que esta ordem está substituindo a ordem [Voc + Or] ao longo do tempo.

De acordo com as configurações arbóreas apresentadas, tentaremos explicar essa mudança em termos dos traços pertencentes à região de C, em cada tipo de construção contendo *vocativo*.

Observe-se que para cada tipo de construção contendo *vocativo*, são diferentes os traços que desencadeiam o movimento A': (i) no caso da construção [Voc + Or], como no exemplo em (62), apenas um traço fica em C, o traço de margem EF (=D), os outros são percolados para T; (ii) no exemplo da construção [Or + Voc + Or] em (63), os três traços estão presentes na periferia esquerda: o traço de margem EF (= D), o traço [Agree] e o traço [EPP]; (iii) no que se refere a configuração referente à construção [Or + Voc], em (64), temos também três traços situados no núcleo da categoria Foc P: o traço [Agree], o traço [EPP] e o traço de margem EF (= T). Observe-se, que nos dois últimos casos, o traço [Agree] se situa na periferia esquerda.

Ao comparar os traços presentes no núcleo de Foc P em cada tipo de construção contendo *vocativo*, pode-se concluir que: a mudança sintática explicitada pode ser representada pela mudança do traço de margem (EF) que, no caso da construção [Voc + Or], engatilhava um DP para a posição [Spec de Foc P] (EF = D) e, passou a engatilhar, no caso da construção [Or + Voc], a oração (TP) para essa posição (EF = T). Temos, assim, a mudança do traço D para o traço T (D>T).

Evidenciamos que essa mudança de traços pode ter sido causada pelo fato de o traço [Agree] poder ocorrer na periferia esquerda (núcleo de Foc P). A interlocução entre os três traços, [EPP], [Agree] e [EF], desencadeia a mudança desse último (D>T). Assim, a oração (TP) é engatilhada para a valoração dos três traços presentes no núcleo da categoria Foc P.

Conforme assinalado, ao assumir que o EPP é responsável pelos movimentos que envolvem TP ou categoria mais alta, Myagawa (2004) considera a interação deste com os outros dois traços pertencentes à fase CP: [Agree] e [Focus]⁸². Assume que

⁸¹ O perfil ascendente apresentado pela *variante* [Or +Voc] é notável tanto nesta dissertação, realizada no âmbito do PB, quanto no trabalho de Alkmim e Moreira (2005), no âmbito do Dialeto Mineiro.

⁸² Miyagawa se refere ao traço de margem EF, ao utilizar o termo "Focus".

esses últimos são valores de um mesmo parâmetro: determinam se uma língua é de proeminência de sujeito ou se é uma língua de proeminência de foco.

Com base na aplicação da Hipótese da Proporção Constante (Kroch, 1989), evidenciamos que a mudança diagnosticada no presente trabalho está correlacionada à outra ou às outras, as quais estão correlacionadas à mudança de um parâmetro no Português Brasileiro. Supomos que o parâmetro a que a mudança descrita nesta dissertação está correlacionada seja o parâmetro que define se uma língua é de proeminência de sujeito [Agree], ou de proeminência de foco [Focus].

Uma evidência a favor da possível mudança paramétrica diz respeito ao fato de que a mudança que descrevemos aqui - que tem a ver com a mudança de um parâmetro no PB - envolver categorias funcionais. Categorias funcionais são concebidas como *locus* de mudança. A mudança do traço [D] para o traço [T] se dá na categoria funcional Foc P, uma vez que estipulamos que essa categoria funciona como sonda no nível da fase CP. Não podemos deixar de considerar que o *vocativo* é também gerado em uma categoria funcional [Voc P]. É indício de que esta categoria é funcional uma informação relativa ao histórico do *vocativo*: como explicitamos no capítulo II, o *vocativo* no latim era um caso morfológico, o que pode evidenciar a presença de categoria funcional.

Feitas estas considerações, passemos as considerações finais desta dissertação.

Considerações finais

Conforme destacado no início desta dissertação, é notável a escassez de estudos sobre o *vocativo*. De modo geral, a nossa intenção foi ampliar o conhecimento já existente sobre este item.

Ao adotarmos o *vocativo* como objeto de investigação, propusemos esclarecer algumas questões relativas a ele. A primeira delas se traduz pela necessidade de investigar o avanço de uma possível *mudança em progresso* no Português Brasileiro envolvendo as posições de colocação deste sintagma na oração. Investigamos, ainda, o comportamento sintático do *vocativo* na oração e foi feita a descrição da estrutura sintática em que esse item está inserido.

Comprovamos a ocorrência de um processo de mudança envolvendo as diferentes posições de colocação do *vocativo* na oração. Foi verificado que a *variante* [Voc + Or], que ocorre com mais frequência na 1ª metade do século XIX, descende gradativamente ao longo do tempo, ao passo que a *variante* [Or + Voc] apresenta perfil ascendente, com maior índice de ocorrência na 2ª metade do século XX. O perfil da *variante inovadora* é ilustrado por uma curva em S, perfil esse indicativo de *mudança lingüística*

Em concordância com Kroch (1989), consideramos que esse perfil é ilusório, uma vez que indica somente mudança na língua em uso (Língua-E). Evidenciamos, então, que essa mudança não se realiza somente na língua em uso, mas também no nível abstrato (Língua- I), uma vez que a Hipótese da Proporção Constante (Kroch, 1989) se adequa aos nossos resultados.

Desenvolvemos, então, evidência quantitativa para essa hipótese, que postula que a razão da mudança em diferentes contextos superficiais reflete uma mesma mudança paramétrica, de modo que um único parâmetro gramatical é envolvido na mudança. Nessa perspectiva, sugerimos que a mudança sintática diagnosticada aqui está correlacionada à outra (ou à outras), as quais estão também correlacionadas à mudança de um mesmo parâmetro no Português Brasileiro.

Foi possível, ainda, identificar o período de tempo que a mudança foi implementada: de acordo com os resultados da análise quantitativa e, também a partir da

utilização do modelo matemático proposto por Kroch (1989), verificamos que a preferência pela estrutura [Or + Voc] começa na 2ª metade do século XIX.

Com relação ao estudo do comportamento sintático do *vocativo* na estrutura frasal, nosso trabalho nos levou a refutar a observação de muitos estudiosos (a maioria deles, gramáticos tradicionais) de que o *vocativo* é isolado do restante da oração por não ter relação com nenhum termo interno à oração à qual se encontra anexado. Todavia, enumeramos três diferentes tipos de construções com *vocativo*: (i) *Vocativo* à semelhança de tópico; *Vocativo* à semelhança de deslocamento e, *Vocativo* à semelhança de foco. Apenas neste último caso, o *vocativo* não está relacionado a nenhum outro termo interno à oração.

Como acentuamos, não consideramos que o *vocativo* é o tópico, o foco ou um constituinte deslocado; vimos que até a sua interpretação pode ser distinta da interpretação destes constituintes. No entanto, o *vocativo* pode se comportar sintaticamente à semelhança destes constituintes e, situa-se à periferia esquerda da sentença, sendo, portanto, pronunciado com ênfase, como tais constituintes. Além disso, o *vocativo*, assim como os constituintes em questão é realizado a partir da decisão do falante; é ele quem vai optar por enfatizar um determinado constituinte ou mesmo a oração.

Como há diferentes tipos de foco, poderíamos questionar se, dentre os tipos de *vocativo* à semelhança de foco, os tipos de construção contendo *vocativo* podem ser relacionadas a um ou outro tipo específico de foco. No entanto, as especulações feitas com relação à comparação entre *vocativo*, foco, tópico e deslocamento não são levadas adiante, pois vão além do que é proposto nesta dissertação.

Nosso trabalho avança, ainda, na descrição da estrutura sintática em que o *vocativo* está inserido. Identificamos a posição ocupada pelo *vocativo* na estrutura sintática e formulamos as configurações arbóreas dos diferentes tipos de construções em que este constituinte se realiza.

A partir desta descrição, foi possível formular a mudança identificada em termos dos traços envolvidos nas operações de movimento dos constituintes na estrutura sintática. O traço de margem (EF) que era representado pelo traço D, o qual atraía o *vocativo* ou um constituinte interno à oração TP para a periferia esquerda da sentença, passa a ser representado pelo traço T, que por sua vez atrai a oração TP para tal região. Temos, assim, a mudança do traço D para o traço T (D>T). A mudança formulada em termos de traços traz à tona a possibilidade da oração (TP) se mover para [Spec Foc P].

Considerando a mudança diagnosticada neste trabalho, elaborada em termos de traços, questionamos se está havendo uma mudança no Português do Brasil envolvendo a marcação do valor do parâmetro que determina se as línguas são de proeminência de sujeito ou de proeminência de foco. Para avaliar esta questão, seria necessário um estudo mais aprofundado da interlocução entre os traços da periferia esquerda e, ainda, uma definição mais precisa das categorias que compõem essa região da sentença.

Sendo assim, a investigação de uma possível mudança de um parâmetro no PB fica a cargo de pesquisa futura.

Enfim, consideramos que este trabalho pôde contribuir para fornecer informações mais precisas sobre o termo que propusemos analisar.

Bibliografia

I – Corpus

1ª metade do século XIX

1846

DIAS, Gonçalves, Leonor de Mendonça: In: *Obras Posthumas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Ed. H. Garnier, 1868. p.144- 264.

1842/ 1853

PENA, Martins. O Noviço. In: *Teatro de Martins Pena*. Rio de Janeiro: Ediouro. Ed. Tecnoprint Ltda. (Edição Crítica Darcy Damasceno), 1956. p. 293-335.

2ª metade do século XIX

1870

RESENDE, Severiano N. C. *A virgem Martyr de Santarém*. Manuscrito. Acervo do Clube Teatral Artur Azevedo. Biblioteca da UFSJ, 1870.

1897

PAIVA, Modesto de. *A onça*. Manuscrito Acervo do Clube Teatral Artur Azevedo. Biblioteca da UFSJ. 1897

1ª metade do século XX

1900

WERNECK, Américo. *Lucrecia*. Cidade de Minas Gerais: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1900.

1917

OLIVEIRA, Luis de, *Scenarios*. Juiz de Fora: Typographia Gutemberg J. Ribeiro, 1917.

2ª metade do século XX

1966

MARCOS, Plínio. *Dois perdidos numa noite suja*. São Paulo: Ed. Global, 1978.

1995

RASI, Mauro. *Pérola*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1995.

II – Referências Bibliográficas

ALI, M. S. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6^a ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

ALKMIM, M. G. R. de *Da frase ao discurso*. Comunicação apresentada no 1º Encontro Memorial do ICHS – 09 a 12/11, 2004.

_____. & MOREIRA, J. C. *O Vocativo na Língua Coloquial de Minas Gerais no século XIX e XX: uma abordagem variacionista*. Monografia de Bacharelado ICHS/UFOP, 2005.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna. 1999.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa*. Ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BRANDÃO, C. *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, 1963

CAMARA JR. J. M. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional. 1985.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. 2^a ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S.A., 1971

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CHOMSKY, N. *O Conhecimento da Língua: Sua natureza, Origem e Uso*. Ed. Caminho. Coleção Universitária, Série: Lingüística. (Tradução: Anabela Gonçalves e Ana Tereza Alves), 1986.

_____. *O programa Minimalista*. Ed. Caminho. Coleção Universitária, Série: Lingüística (Tradução: Eduardo Paiva Raposo), 1995.

_____. Minimalism Inquiries: The framework. In: MARTIN, R.; URIAGEREKA, J. (eds). *Step by Step: Essays on Minimalism Syntax in Honor of Howard Lasnik*, Cambridge, MA: MIT Press, p.89-155, 2000.

_____. *On phases*, ms. MIT, 2005.

DIAS, A. E. da S. *Sintaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

DUBOIS, J. *et al. Dicionário de Linguística*. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1978.

DUARTE, M. I. P. da S. *A Construção da Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre movimento*, Tese de Doutorado. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 1987.

GUY, G. R. Variations in the group and the individual: the case of final stop deletion. In: W. Labov (ed.). *Location Language in time and space*. New York: academic Press, 1980.

Haidou, K. *On the syntax and pragmatics interface: left peripheral, medial and right peripheral focus in greek*. School of oriental and african studies, University of London, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*, Longman: London, 1976.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HRÓARSDOTTIR, Thorbjörg. *Language Change and Language Acquisition*, University of Thonson, 2003.

KROCH, A., *Reflexes of grammar in patherns of language change*. University of Pennsylvania, 1989

_____. *Mudança Sintática*. University of Pennsylvania. (Tradução de Silvia Regina Cavalcante), 2001.

KATO, M. A. & ROBERTS, I. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patherns*. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1972.

_____. Building on Empirical Foundations. In.: LEHMANN, W.& MALKIEL, Y. (eds). *Perspective an Historical Linguistic*. Amsterdam: Jonh Benjamin, 1982.

_____. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LIGHTFOOT, D. *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

_____. *The development of language: acquisition, change and evolution*. Malden, MA: Blackwell, 1999.

LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do Português*. São Paulo: Pioneira, 1974.

MARTÍNEZ, C. *Negative Concord in Brazilian Portuguese*. University of Texas. Austin, 2003.

MARTINS, A. M. *Clíticos na história do português*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 1994.

MATEUS, M. H. M. *Gramática da língua portuguesa: elementos para descrição da estrutura e funcionamento do português actual*. Coimbra: Almedina, 1983.

MELO, G. C. de. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1978.

MIOTO, Carlos. *Focalização e quantificação*. Revista Letras, nº 61. Curitiba: Ed. UFPR, 2003. p.169-189

MOREIRA, J. C. & CHAVES, E. *Coleta de dados em textos escritos: levantamento de dados e montagens dos corpora*. In Anais da VI Semana de Eventos da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

MUNDIM, S. S. de M. *Formas de Tratamento e Vocativo no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, Rio de Janeiro, 1981

MIYAGAWA, S. *On the EPP*. MIT, 2004.

NASCIMENTO, A. F. *Análise Prosódica do Vocativo na Fala de Criança: uma abordagem fonética*. Dissertação de Mestrado Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Unesp, 2000.

OLIVEIRA, M. de. *Respostas assertivas e suas variações nas línguas românicas: o seu papel na aquisição*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 1996.

OUHALLA, J. *Introducing Transformacional Grammar. From rules to principles and parameters*, London: Routledge, 1994. p.84-86

PEREIRA, E. C., *Gramática Expositiva: curso superior*. São Paulo: Duprat & Co., 1909.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.

PONTES, Eunice S. L. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, (Brasília): INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

RAMOS, J. M. *Marcação de caso e mudança sintática no Português do Brasil: uma abordagem gerativa e variacionista*. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas, 1992.

_____. *Variação sintática e/ou especialização?* (Inédito)

RIZZI, L. *The fine structure of the left periphery*. In L Haegman (ed). *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H; & TALIAMONTE, S. *GOLDVARB 2001*. Disponível em <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/> Acesso em 26 de jun. 2006.

TARALLO, F. & KATO, M.A. *Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e interlingüística*. Preedição 5, UNICAMP, Campinas, 1989

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (ed.) *Directions for historical linguistics*, Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-189.

YANG, C. D., Internal and External forces in language change. *Language Variation and change*. Cambridge University Press, 2000

YOON, J. *Noam Chomsky: Derivation by Phases*, Mit Press, 2000.